

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

[Público-alvo] Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Pode ser adaptada para a 1ª série do Ensino Médio.

[Número de aulas] 15 a 20

[Alinhamento à BNCC]

6 competências

9 habilidades

### Introdução

A obra de Machado de Assis é tão grande quanto o escritor e, por isso, existem inúmeras possibilidades de leitura e abordagem. Nesta sequência didática de leitura literária, trabalhamos com contos e crônicas do autor a partir de uma perspectiva negra, ou seja, compreendemos que Machado de Assis é um escritor negro que compõe seus textos a partir desse ponto de vista. Para saber mais sobre isso, leia o texto [“Machado de Assis, um escritor negro”](#)<sup>1</sup>(Anexo I).

Além disso, esta sequência didática foi construída tendo em vista os seguintes pontos:

- a) Literatura afro-brasileira como uma possibilidade de promover uma educação antirracista. Para aprofundar o conhecimento sobre a temática, confira o texto [“Unindo o discurso à prática: não basta ser antirracista. É preciso ler o que as autoras e autores negros escrevem.”](#)<sup>2</sup>, (Anexo 2) de Bel Santos Mayer, publicado na revista Na Ponta do Lápis, edição 39.
- b) Prática de ensino de literatura e formação de leitores literários que mobilize aspectos técnicos, teóricos, críticos e historiográficos, bem como possibilite que tenham lugar a subjetividade dos leitores e a fruição estética. Sobre esse assunto, leia o texto [“A literatura, os jovens e a escola: caminhos para a leitura literária e a formação de leitores”](#)<sup>3</sup> (Anexo 3), de Esdras Soares e Lara Rocha, publicado na revista Na Ponta do Lápis, edição 35.

<sup>1</sup> Este texto encontra-se integralmente na seção ANEXO ao final desta publicação.

<sup>2</sup> Este texto encontra-se integralmente na seção ANEXO ao final desta publicação.

<sup>3</sup> Este texto encontra-se integralmente na seção ANEXO ao final desta publicação.



## **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**

### **Recursos materiais necessários**

- Multimídia (projetor, sala de informática, televisão, etc.);
- Cópias impressas dos textos sugeridos;
- Celulares ou câmeras para gravação de vídeos.

### **BNCC**

#### **Competências Específicas de Língua Portuguesa:**

##### **Competência específica nº 3**

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

##### **Competência específica nº 6**

Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

##### **Competência específica nº 7**

Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

##### **Competência específica nº 8**

Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Competência específica nº 9

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

### Competência específica nº 10

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

### Práticas de linguagem / Objetos do conhecimento:

- **Leitura**

#### **Objetos de Conhecimento:**

1. Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção;
2. Apreciação e réplica;
3. Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos;
4. Adesão às práticas de leitura;
5. Relação entre textos;
6. Estratégias de leitura.

#### **Habilidades:**

**(EF69LP44)** Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

**(EF69LP46)** Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

**(EF69LP47)** Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

**(EF69LP49)** Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

**(EF89LP32)** Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros.

**(EF89LP33)** Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense,



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

poemas de forma livre e fixa (como haikai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

### ● Produção de textos

#### Objeto de conhecimento:

1. Estratégias de produção

#### Habilidade:

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

### ● Análise linguística/semiótica

#### Objetos de Conhecimento:

1. Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários;
2. Figuras de linguagem.

#### Habilidades:

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

**(EF89LP37)** Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, eufemismo, antítese, aliteração, assonância, dentre outras.

### Objetivos gerais:

1. Reconhecer Machado de Assis como um dos pilares da literatura brasileira, destacando sua identidade racial negra e sua contribuição para o país.
2. Desenvolver habilidades de leitura e interpretação, explorando textos dos gêneros crônica e conto de Machado de Assis e identificando suas características.
3. Analisar a produção literária de Machado de Assis, observando a importância da temática racial em suas obras e sua relevância para a compreensão do passado e do presente.

### Roteiro de atividades

#### 1ª Etapa: Conhecendo o maior escritor brasileiro (1 aula)

##### Objetivos:

- Reconhecer Machado de Assis como um dos maiores escritores brasileiros, destacando sua identidade racial negra.
- Relacionar a biografia de Machado de Assis com a sua produção literária, ressaltando a relevância da temática racial em suas obras.

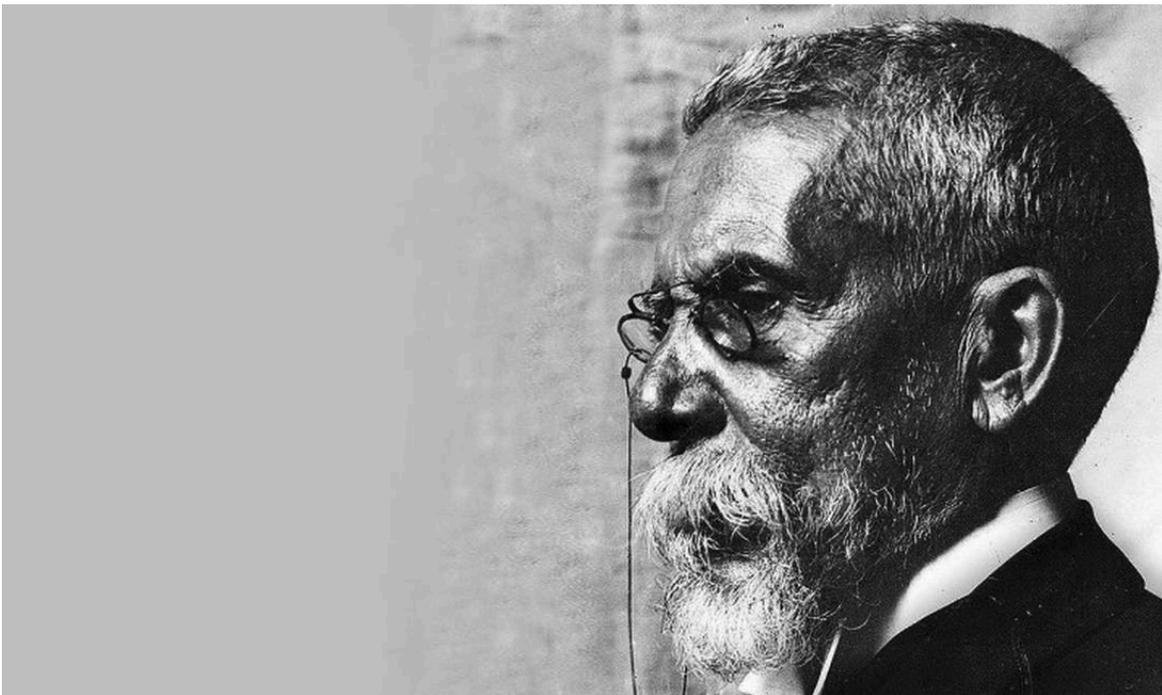


## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Atividades:

1. Recomendamos que você inicie o trabalho com um bate-papo com a turma e diga que vão ler textos do maior escritor brasileiro de todos os tempos, mas que primeiro terão que adivinhar de quem se trata. Pode ser que algumas das pessoas já saibam que estamos falando de Machado de Assis. De uma maneira ou de outra, pergunte como elas(es) imaginam que é esse escritor e quais são suas características físicas. Provavelmente a turma vai dizer que se trata de um homem de meia-idade ou idoso e branco. Dialogue com as questões que surgirem e, quando sentir que a discussão e as tentativas se esgotaram, mostre algumas imagens de Machado de Assis que revelem o seu fenótipo negro. Algumas sugestões:

### Imagem 1:

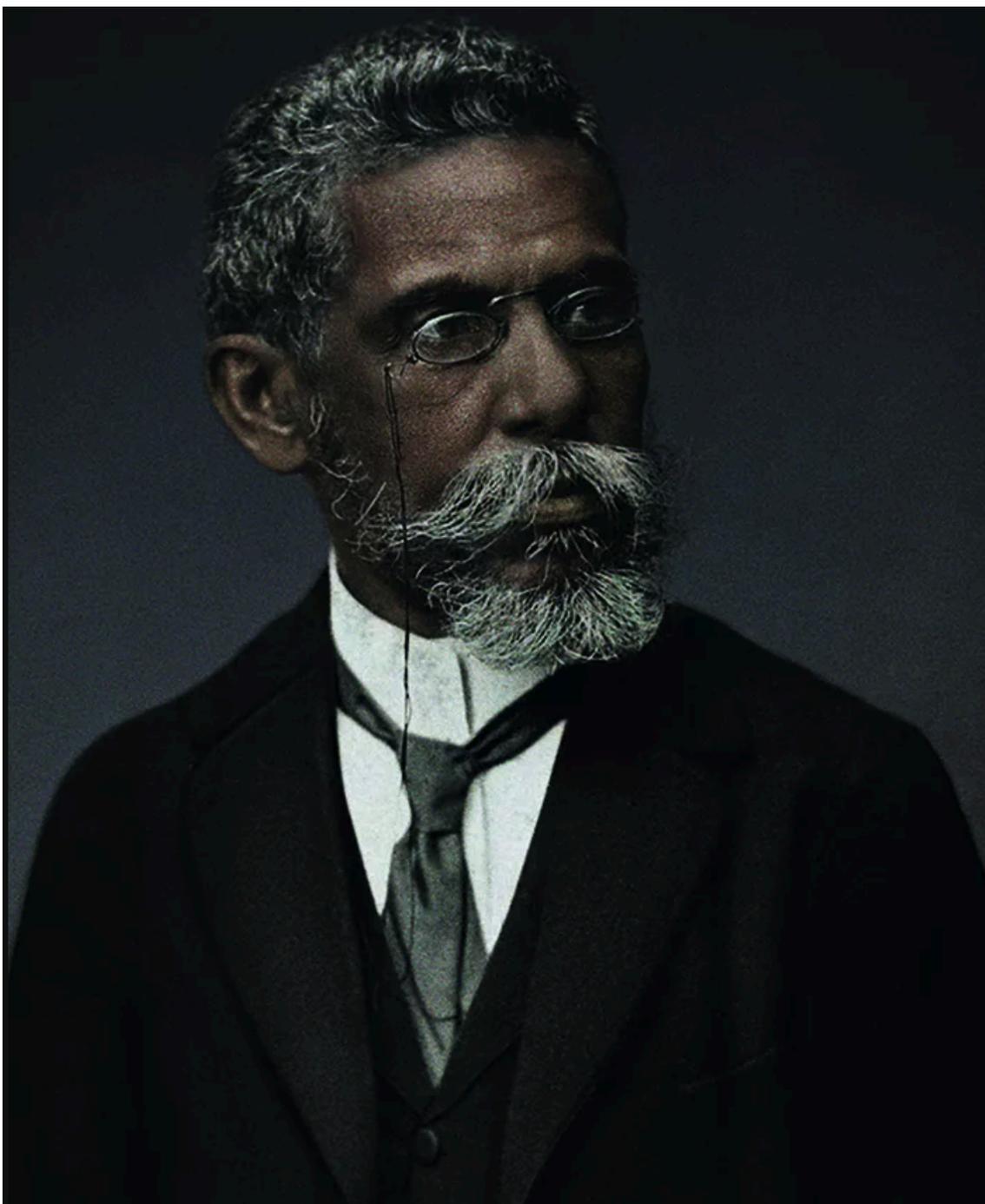


(Fonte: Arquivo Nacional – Domínio Público)



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Imagem 2:



(Fonte: Projeto Machado de Assis Real)

A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Imagem 3:



(Fonte:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Machado\\_de\\_Assis\\_Poss%C3%ADvel\\_%C3%9Altima\\_Foto\\_Revista\\_Argentina\\_Caras\\_y\\_Caretas\\_Janeiro\\_de\\_1908.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/93/Machado_de_Assis_Poss%C3%ADvel_%C3%9Altima_Foto_Revista_Argentina_Caras_y_Caretas_Janeiro_de_1908.png))



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Faça perguntas provocadoras para as(os) estudantes que as(os) levem a refletir sobre a razão de pensarem que o maior escritor brasileiro de todos os tempos era diferente das fotos apresentadas. É uma oportunidade para refletir sobre o fato de haver mais visibilidade de obras literárias publicadas por homens brancos, além de Machado ter sido atravessado por um processo de branqueamento. Para saber mais sobre esse assunto, acesse o texto “Machado de Assis, um escritor negro”, indicado na introdução dessa sequência didática e presente como Anexo I ao final desta publicação.

2. Em seguida, é possível apresentar a biografia de Machado de Assis. Para isso, você pode utilizar a [biografia disponibilizada no Portal Literafro](#)<sup>4</sup> ou o vídeo do canal PhCôrtés, disponibilizado no link: <https://youtu.be/XfpupVqIHn0>.

É importante não esquecer de ressaltar o pertencimento racial negro de Machado e o seu engajamento na questão racial, bem como destacar que essa temática faz parte da sua obra literária.

### 2ª etapa: Como era o Brasil na época de Machado de Assis? (2 a 3 aulas)

#### Objetivos:

- Compreender o panorama histórico e social da segunda metade do século XIX no Brasil.
- Reconhecer as diferentes formas de resistência à escravidão, destacando personagens importantes desse período.

#### Atividades:

1. Apresente uma breve contextualização do panorama histórico e social da segunda metade do século XIX no Brasil, abordando a escravidão, as lutas por liberdade e a Abolição da Escravatura.

É importante destacar as várias formas de resistência à escravidão, como os quilombos, as revoltas e levantes, fugas, ataques a fazendas escravocratas e o Movimento Abolicionista. Também recomendamos a apresentação de heroínas e heróis negros do período, como Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Luis Gama, Maria Felipa,

---

<sup>4</sup> Disponível no link:

[https://www.google.com/url?q=http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/163-machado-de-assis&sa=D&source=docs&ust=1727883564877942&usg=AOvVaw18\\_cJcWx2JwPiBDoSVTjil](https://www.google.com/url?q=http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/163-machado-de-assis&sa=D&source=docs&ust=1727883564877942&usg=AOvVaw18_cJcWx2JwPiBDoSVTjil)



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Maria Firmina dos Reis, Francisco José do Nascimento, André Rebouças e José do Patrocínio. Isso pode ser feito em um trabalho interdisciplinar com professoras(es) de História.

Também é viável, em parceria com professoras(es) de Sociologia, explorar correntes científicas desse momento histórico, como a Teoria da evolução, o Determinismo e o Positivismo, bem como o Darwinismo racial e as Teorias raciais.

Outra estratégia interessante é envolver a turma em um trabalho de pesquisa, em que ela é convidada a fazer pesquisas na sala de informática, em seus celulares, na biblioteca da escola ou como tarefa de casa.

2. Explique a importância de compreender o contexto no qual Machado de Assis viveu para uma melhor compreensão de sua obra. Informe que nas próximas aulas serão lidos textos literários muito interessantes que de alguma maneira estão relacionados às discussões feitas nesta etapa.

**Atenção:** a escravidão é um tema fundamental de ser estudado na escola, mas é necessário fazer isso de maneira apropriada e sem estereótipos racistas, apoiando-se em estudos e pesquisas sérias. Além disso, é importante que a história da população negra brasileira e mundial não seja resumida à escravidão, dor e sofrimento. É necessário, também, abordá-la de maneira positiva, destacando suas contribuições fundamentais à ciência, ao desenvolvimento das civilizações, arte, cultura, entre outros aspectos.

### 3ª etapa: Leitura da primeira crônica - Explorando a ironia (2 a 3 aulas)

#### Objetivos:

- Explorar o gênero crônica, observando suas características e situação de produção.
- Utilizar estratégias de leitura, ampliando a compreensão dos textos.
- Identificar a ironia presente na obra de Machado de Assis, levantando conhecimentos prévios sobre essa figura de linguagem.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

1. Nesta etapa, iniciaremos a leitura de textos selecionados de Machado de Assis, começando com o trecho de uma crônica de 1864. Antes da leitura, é importante relembrar o contexto da escravidão abordado nas aulas anteriores. Como é a primeira vez, nesta sequência didática, que a turma lerá um texto literário, é interessante que seja feita uma leitura coletiva. É possível lançar mão da *leitura protocolada*, fazendo pausas e perguntas durante a leitura, acionando conhecimentos prévios, antecipando o que virá a seguir e explicando o significado de palavras desconhecidas. Trata-se de uma excelente maneira de mediar a leitura e viabilizar que as(os) estudantes ampliem a compreensão da crônica e se familiarizem com os textos machadianos. Devido ao tema da escravidão, isso adquire ainda mais relevância, pois é uma oportunidade de refletir adequadamente acerca de assuntos complexos.

2. Com o texto em mãos ou projetado, busque levantar os conhecimentos prévios da turma sobre o gênero crônica. Pergunte se já leram ou escreveram alguma, se sabem quais são suas características, em que lugar normalmente são publicadas e de quais assuntos normalmente elas falam. Quando sentir que a turma está pronta, é possível iniciar a leitura, buscando fazer articulações com o que as(os) estudantes levantaram e compartilhar informações importantes que não tenham sido mencionadas.

### Crônica de 25 de julho de 1864, publicado no jornal *Diário do Rio de Janeiro*

Era um leilão de escravos. Na fileira dos infelizes que estavam ali de mistura com os móveis, havia uma pobre criancinha abrindo olhos espantados e ignorantes para todos. Todos foram atraídos pela tenra idade e triste singeleza da pequena. Entre outros, notei um indivíduo que, mais curioso que compadecido, conjecturava a meia voz o preço por que se venderia aquele semovente.

Travamos conversa e fizemos conhecimento; quando ele soube que eu manejava a enxadinha com que agora revolvo estas terras do folhetim, deixou escapar dos lábios uma exclamação:

— “Ah!”

Estava longe de conhecer o que havia neste — Ah! — tão misterioso e tão significativo.

Minutos depois começou o pregão da pequena. O meu indivíduo cobria os lanços, com incrível desespero, a ponto de pôr fora de combate todos os pretendentes, exceto um que lutou ainda por algum tempo, mas que afinal teve de ceder.

O preço definitivo da desgraçadinha era fabuloso. Só o amor à humanidade podia explicar aquela luta da parte do meu novo conhecimento; não perdi de vista o comprador, convencido



### A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

de que iria disfarçadamente ao leiloeiro dizer-lhe que a quantia lançada era aplicada à liberdade da infeliz. Pus-me à espreita da virtude.

O comprador não me desiludiu, porque, apenas começava a espreitá-lo, ouvi-lhe dizer alto e bom som:

— “É para a liberdade!”

O último combatente do leilão foi ao filantropo, apertou-lhe as mãos e disse-lhe:

— “Eu tinha a mesma intenção”.

O filantropo voltou-se para mim e pronunciou baixinho as seguintes palavras, acompanhadas de um sorriso:

— “Não vá agora dizer lá na folha que eu pratiquei este ato de caridade”.

Satisfiz religiosamente o dito do filantropo, mas nem assim me furtei à honra de ver o caso publicado e comentado nos outros jornais.

Deixo ao leitor a apreciação daquele airoso duelo de filantropia.

3. Na crônica de 1864, publicada no Diário do Rio de Janeiro, Machado de Assis descreve um leilão de escravizados, destacando a disputa entre dois homens por uma jovem menina. O autor critica o egoísmo dos participantes, revelando a falta de verdadeira caridade, sugerindo que o “duelo” só aconteceu porque eles sabiam que havia jornalistas presentes. Ele também aborda o papel da imprensa nessa situação, demonstrando preocupação com a forma como os eventos são retratados. No final, o narrador ressalta a importância da liberdade, convidando as(os) leitores a refletirem sobre essa questão. Como suas crônicas eram publicadas em jornais de grande circulação, Machado expõe o embate entre a verdadeira e a falsa filantropia, utilizando a imprensa como uma ferramenta para sensibilizar as pessoas e denunciar aqueles que se aproveitam de causas sociais para benefício pessoal.

4. Uma das características mais marcantes de Machado de Assis é a ironia. É possível que as(os) estudantes já tenham se dado conta disso e que essa constatação já tenha sido exposta durante a leitura. Assim, é importante explorar o uso desse recurso, considerando que essa é uma constante na obra do autor.

Pergunte para a turma o que é ironia e anote na lousa tudo o que for surgindo, para que o sentido seja construído aos poucos. Convide as(os) estudantes a pensar em pessoas irônicas, como familiares, colegas ou pessoas famosas. A turma pode, e você também, dar exemplos de frases e expressões irônicas. Algumas sugestões: "Que coisa boa pegar um ônibus lotado. Eu adoro!", "Com certeza, porque eu adoro acordar cedo", "Ah, sim,



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

porque lavar a louça é a minha tarefa preferida”, “Que sorte! Quando chegou a minha vez de fazer o pedido, o pão acabou.”. Lembre a turma de que a ironia muitas vezes é transmitida por meio de uma expressão facial, tom de voz ou contexto, portanto, esses exemplos podem não parecer tão irônicos por escrito.

Por fim, você pode compartilhar a definição de ironia. Disponibilizamos uma sugestão a seguir:

Ironia é uma figura de linguagem que consiste em expressar o contrário do que se quer realmente dizer, ou seja, falar uma coisa quando na verdade você quer falar outra, de maneira sutil e muitas vezes divertida. Pode ser utilizada para criticar, ridicularizar ou provocar reflexão sobre determinado assunto. A ironia pode ser utilizada tanto de forma escrita quanto falada, e é comumente encontrada em textos literários, piadas e conversas do dia a dia.

5. Com o conceito de ironia compreendido, é possível voltar à crônica e perguntar à turma porque o narrador é irônico e quais são as marcas presentes no texto. É uma oportunidade para explicar que a ironia é bastante presente nos textos de Machado de Assis e que, inclusive, ele a utiliza para criticar a escravidão e a hipocrisia das classes dominantes de maneira bastante sofisticada. Na obra desse autor, é como se a ironia expressasse duas realidades: uma que é falada literalmente e outra que está nas entrelinhas, de maneira mais ou menos explícita, portanto precisa ser decifrada e compreendida. Um ótimo exemplo disso é a última frase do texto, porque é como se o narrador nos olhasse e desse uma piscada ao dizer “Deixo ao leitor a apreciação daquele airoso duelo de filantropia”.

6. A própria turma pode comparar como seria a crônica se Machado não utilizasse a ironia, discutindo as diferenças e o impacto. Por exemplo: “O autor falaria que as pessoas que participaram do leilão, na verdade, não estavam preocupadas com a liberdade da criança, mas apenas queriam aparecer no jornal como pessoas muito boas”. Esse exercício serve tanto para o aprofundamento dessa figura de linguagem quanto para maior compreensão dos sentidos do texto.

### Saiba mais:

- **Leitura protocolada**



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Leia o artigo “Ensinar leitura lendo” (Anexo 4)<sup>5</sup>, publicado na revista Na Ponta do Lápis, edição 22 e conheça essa estratégia que pode contribuir para o desenvolvimento da prática leitora de sua turma.

- **Ironia**

Assista ao vídeo “O que é ironia e como funciona” para aprofundar seus conhecimentos sobre essa figura de linguagem, disponível no link:

[https://youtu.be/YQDjQBhc\\_zM](https://youtu.be/YQDjQBhc_zM)

### Outras possibilidades:

- Caso você planeje fazer um trabalho mais focado no gênero crônica, há um ótimo texto do próprio Machado para incluir: [“O nascimento da crônica”](#)<sup>6</sup>.
- Considere propor que a turma crie diários de leitura, um excelente recurso para formação de leitoras(es) autônomas(os) e que pode contribuir com experiências bastante significativas com a literatura. Saiba mais no artigo [Diário de leituras: caminhos de mediação do texto literário no cotidiano escolar](#) (Anexo 5)<sup>7</sup>, de Maria Coelho Gomes .
- Confira também o [Caderno Docente “A ocasião faz o escritor”](#)<sup>8</sup>, com orientações para produção textual do gênero crônica.

### 4ª etapa: Mergulhando nas crônicas de Machado de Assis (3 a 4 aulas)

<sup>5</sup> Este texto encontra-se integralmente na seção ANEXO ao final desta publicação.

<sup>6</sup> Disponível no link

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4028654/mod\\_folder/content/0/O%20NASCIMENTO%20DA%20CR%C3%94NICA%20Machado%20de%20Assis.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4028654/mod_folder/content/0/O%20NASCIMENTO%20DA%20CR%C3%94NICA%20Machado%20de%20Assis.pdf).

<sup>7</sup> Este texto encontra-se integralmente na seção ANEXO ao final desta publicação.

<sup>8</sup> Disponível no link [https://escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_docente/cronica/sumario/](https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/cronica/sumario/).



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Objetivos:

- Explorar o gênero crônica, observando suas características e situação de produção.
- Relacionar as crônicas de Machado de Assis ao contexto histórico do século XIX, destacando a Abolição e o Pós-abolição.
- Compreender o uso de pseudônimos por Machado de Assis, refletindo sobre as possíveis razões motivadoras dessa prática.

### Atividades:

1. Nesta etapa, vamos ler mais uma crônica que expõe a hipocrisia e a falsa benevolência das classes dominantes daquele momento histórico, assim como a crônica anterior. O texto foi publicado em 19 de maio de 1888, poucos dias após a Abolição da Escravatura.

2. Diferente da proposta da etapa anterior, inicialmente as(os) estudantes podem ler a crônica de maneira individual para depois lê-la coletivamente. É recomendável criar um glossário colaborativo, que pode ser registrado na lousa, nos cadernos ou de maneira digital.

3. Antes ou depois da leitura, é possível explorar ainda mais a situação de produção do gênero crônica no século XIX: trata-se de textos que eram publicados em jornais, o principal meio de comunicação da época e muito presente entre a população letrada. Aqui, há uma oportunidade de chamar a atenção sobre a diferença com os dias atuais, em que crônicas são publicadas em suportes variados, como blogs, jornais impressos e digitais, revistas, livros e redes sociais.

Compartilhe com as(os) estudantes que Machado de Assis utilizava esses textos para estar mais próximo de suas(seus) leitoras(es) e isso atendia a um projeto antigo do autor de colaborar com o debate público e estimular o envolvimento da população com a política. Tendo isso em vista, é possível buscar essas marcas em suas crônicas.

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Crônica de 19 de maio de 1888, publicado no jornal *Gazeta de Notícias*

Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup, post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta Lei de 13 de Maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural,

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do Diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do Céu.

Boas noites.

4. Em boa parte das suas crônicas, Machado de Assis retrata os tipos sociais influentes da época. Isso também se aplica à crônica acima, em que o narrador parece ter relações sociais privilegiadas e deseja ser deputado. Assim como já foi visto antes, o narrador desta história é cínico e busca fama e reconhecimento.

É importante destacar que, após o fim da escravidão, a população liberta não recebeu apoio do governo para se integrar ao mercado de trabalho e à sociedade, conforme aparece durante a “negociação” entre o senhor de escravos e Pancrácio. Para que a turma tenha dimensão do quão pouco valia 6 mil-réis na época, uma camisa custava cerca de 3 mil-réis e o aluguel de uma casa comum custava por volta de 35 mil-réis por mês (GLEDSON, 1990). Essa é uma oportunidade adicional para estudar de forma mais detalhada o contexto histórico e social daquele período, sobretudo o pós-abolição.

Também é importante destacar que a escolha do nome “Pancrácio” é repleta de significados, conforme aponta Eduardo de Assis Duarte (2009, p. 51-52): *“O nome do escravo remete ao adolescente Pancrácio, um dos mártires e primeiros santos do catolicismo, torturado e decapitado no dia 12 de maio (!) do ano 304, por ordem do imperador Diocleciano. Na Espanha, São Francisco Pancrácio é considerado o padroeiro dos trabalhadores. O campo semântico do nome está ainda vinculado ao substantivo grego 'pankraton', que designava uma espécie de luta livre, considerada a modalidade mais violenta do atletismo grego, em que se permitia o uso de mãos e pés a fim de vencer o adversário. Escusado dizer que, em sua conformação fonética no português, o nome está em consonância com “pancada”... Sua escolha, portanto, nada tem de casual ou inocente”*.

5. Após a leitura, peça para que as(os) estudantes compartilhem com o restante da turma o que sentiram ao ler a crônica: É engraçada? Sentiram-se revoltados com a “cara de



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

pau” do narrador? Como perceberam que o narrador diz justamente o contrário do que diz defender? Perceberam a ironia? Como ela aparece? Quais são as marcas presentes no texto? Acontece algo semelhante hoje em dia? Caso vocês tenham organizado um diário de leitura, também é possível registrar esses comentários nele.

6. Por fim, é relevante explicar para a turma que Machado, assim como outros escritores e jornalistas do período, usavam pseudônimos para assinar suas crônicas. Explique o que é esse recurso e provoque a sala para que levantem hipóteses sobre a razão de o escritor assinar suas crônicas com outros nomes. É interessante que a turma perceba que um dos motivos para Machado fazer isso é que era uma maneira de se proteger de possíveis ataques e represálias, pois era uma atitude bastante arriscada um homem negro criticar e ridicularizar escravocratas.

7. Se houver tempo, é possível ler e discutir outras crônicas de Machado. Algumas sugestões:

- [Crônica de 15 de junho de 1877](#)<sup>9</sup>;
- [Crônica de 11 de maio de 1888](#)<sup>10</sup>.

### Outras possibilidades:

As crônicas lidas aqui mostram narradores cínicos e hipócritas, assim como o narrador do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Assim, pode ser muito interessante ler esses textos em conjunto, estabelecendo relações.

## 5ª etapa: Explorando os contos de Machado de Assis (3 a 4 aulas)

### Objetivos:

- Explorar o gênero conto, observando suas características e situação de produção.
- Analisar contos de Machado de Assis, destacando suas temáticas e denúncias sociais.

<sup>9</sup> Disponível do link

[https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Historia%20de%20quinze%20dias,%201876.htm#c15\\_06\\_1877](https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Historia%20de%20quinze%20dias,%201876.htm#c15_06_1877).

<sup>10</sup> Disponível no link

<https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Bons%20dias,%201888.htm>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

- Discutir os contos lidos em grupo, compartilhando percepções, dúvidas e reflexões sobre a relação desses textos com a atualidade.
- Compreender o fenômeno da atemporalidade dos textos literários e sua relevância na contemporaneidade.

### Atividades:

1. Após a leitura das crônicas, é hora de conhecer alguns contos de Machado de Assis. Antes disso, é interessante refletir sobre as características desse gênero e levantar os conhecimentos prévios das(os) estudantes. Como apoio, utilize o vídeo a seguir, bastante oportuno porque explora as diferenças entre conto e crônica: <https://youtu.be/cGJ7pcgr0C8>.

2. Iniciaremos a leitura com um dos contos mais conhecidos de Machado, “O caso da vara”, publicado em 1899. Como se trata de um texto mais extenso, faremos apenas a leitura individual.

### O caso da vara

Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano; foi antes de 1850. Passados alguns minutos parou vexado; não contava com o efeito que produzia nos olhos da outra gente aquele seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo. Desconhecia as ruas, andava e desandava; finalmente parou. Para onde iria? Para casa, não; lá estava o pai que o devolveria ao seminário, depois de um bom castigo. Não assentara no ponto de refúgio, porque a saída estava determinada para mais tarde; uma circunstância fortuita a apressou. Para onde iria? Lembrou-se do padrinho, João Carneiro, mas o padrinho era um moleirão sem vontade, que por si só não fazia cousa útil. Foi ele que o levou ao seminário e o apresentou ao reitor:

– Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor.

– Venha, acudiu este, venha o grande homem, contanto que seja também humilde e bom. A verdadeira grandeza é chã. Moço...

Tal foi a entrada. Pouco tempo depois fugiu o rapaz ao seminário. Aqui o vemos agora na rua, espantado, incerto, sem atinar com refúgio nem conselho; percorreu de memória as casas de parentes e amigos, sem se fixar em nenhuma. De repente, exclamou:

– Vou pegar-me com Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário... Talvez assim...

Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas ideias vagas dessa situação e tratou de a aproveitar. Onde morava? Estava tão atordoado, que só daí a alguns minutos é que lhe acudiu a casa; era no Largo do Capim.

– Santo nome de Jesus! Que é isto? bradou Sinhá Rita, sentando-se na marquesa, onde estava reclinada.

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Damião acabava de entrar espavorido; no momento de chegar à casa, vira passar um padre, e deu um empurrão à porta, que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho. Depois de entrar espiou pela rótula, a ver o padre. Este não deu por ele e ia andando.

– Mas que é isto, Sr. Damião? bradou novamente a dona da casa, que só agora o conhecera. Que vem fazer aqui!

Damião, trêmulo, mal podendo falar, disse que não tivesse medo, não era nada; ia explicar tudo.

– Descanse, e explique-se.

– Já lhe digo; não pratiquei nenhum crime, isso juro, mas espere.

Sinhá Rita olhava para ele espantada, e todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante das suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos. Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordado. Enquanto o rapaz tomava fôlego, ordenou às pequenas que trabalhassem, e esperou. Afinal, Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário; estava certo de que não podia ser bom padre; falou com paixão, pediu-lhe que o salvasse.

– Como assim? Não posso nada.

– Pode, querendo.

– Não, replicou ela abanando a cabeça, não me meto em negócios de sua família, que mal conheço; e então seu pai, que dizem que é zangado!

Damião viu-se perdido. Ajoelhou-se-lhe aos pés, beijou-lhe as mãos, desesperado.

– Pode muito, Sinhá Rita; peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, por alma de seu marido, salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela casa.

Sinhá Rita, lisonjeada com as súplicas do moço, tentou chamá-lo a outros sentimentos. A vida de padre era santa e bonita, disse-lhe ela; o tempo lhe mostraria que era melhor vencer as repugnâncias e um dia... Não nada, nunca! redarguia Damião, abanando a cabeça e beijando-lhe as mãos, e repetia que era a sua morte. Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe por que não ia ter com o padrinho.

– Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai; não me atende, duvido que atenda a ninguém...

– Não atende? interrompeu Sinhá Rita ferida em seus brios. Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, já e já; e se não estivesse em casa, perguntasse onde podia ser encontrado, e corresse a dizer-lhe que precisava muito de lhe falar imediatamente.

– Anda, moleque.

Damião suspirou alto e triste. Ela, para mascarar a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro fora amigo do marido e arranjará-lhe algumas crias para ensinar. Depois, como ele continuasse triste, encostado a um portal, puxou-lhe o nariz, rindo:

– Ande lá, seu padreco, descanse que tudo se há de arranjar.

Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito. Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

– Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter chiste.

Nisto, chegou João Carneiro. Empalideceu quando viu ali o afilhado, e olhou para Sinhá Rita, que não gastou tempo com preâmbulos. Disse-lhe que era preciso tirar o moço do seminário, que ele não tinha vocação para a vida eclesiástica, e antes um padre de menos que um padre ruim. Cá fora também se podia amar e servir a Nosso Senhor. João Carneiro, assombrado, não achou que replicar durante os primeiros minutos; afinal, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar "pessoas estranhas", e em seguida afirmou que o castigaria.

– Qual castigar, qual nada! interrompeu Sinhá Rita. Castigar por quê? Vá, vá falar a seu compadre.

– Não afianço nada, não creio que seja possível...

– Há de ser possível, afianço eu. Se o senhor quiser, continuou ela com certo tom insinuativo, tudo se há de arranjar. Peça-lhe muito, que ele cede. Ande, Senhor João Carneiro, seu afilhado não volta para o seminário; digo-lhe que não volta...

– Mas, minha senhora...

– Vá, vá.

João Carneiro não se animava a sair, nem podia ficar. Estava entre um puxar de forças opostas. Não lhe importava, em suma, que o rapaz acabasse clérigo, advogado ou médico, ou outra qualquer cousa, vadio que fosse; mas o pior é que lhe cometiam uma luta ingente com os sentimentos mais íntimos do compadre, sem certeza do resultado; e, se este fosse negativo, outra luta com Sinhá Rita, cuja última palavra era ameaçadora: "digo-lhe que ele não volta". Tinha de haver por força um escândalo. João Carneiro estava com a pupila desvairada, a pálpebra trêmula, o peito ofegante. Os olhares que deitava a Sinhá Rita eram de súplica, mesclados de um tênue raio de censura. Por que lhe não pedia outra cousa? Por que lhe não ordenava que fosse a pé, debaixo de chuva, à Tijuca, ou Jacarepaguá? Mas logo persuadir ao compadre que mudasse a carreira do filho... Conhecia o velho; era capaz de lhe quebrar uma jarra na cara. Ah! Se o rapaz caísse ali, de repente, apoplético, morto! Era uma solução — cruel, é certo, mas definitiva.

– Então? Insistiu Sinhá Rita.

Ele fez-lhe um gesto de mão que esperasse. Coçava a barba, procurando um recurso. Deus do céu! Um decreto do papa dissolvendo a Igreja, ou, pelo menos, extinguindo os seminários, faria acabar tudo em bem. João Carneiro voltaria para casa e ia jogar os três-setes. Imaginai que o barbeiro de Napoleão era encarregado de comandar a batalha de Austerlitz... Mas a Igreja continuava, os seminários continuavam, o afilhado continuava cosido à parede, olhos baixos esperando, sem solução apoplética.

– Vá, vá, disse Sinhá Rita dando-lhe o chapéu e a bengala.

Não teve remédio. O barbeiro meteu a navalha no estojo, travou da espada e saiu à campanha. Damião respirou; exteriormente deixou-se estar na mesma, olhos fincados no chão, acabrunhado. Sinhá Rita puxou-lhe desta vez o queixo.

– Ande jantar, deixe-se de melancolias.

– A senhora crê que ele alcance alguma coisa?

– Há de alcançar tudo, redarguiu Sinhá Rita cheia de si. Ande, que a sopa está esfriando.

Apesar do gênio galhofeiro de Sinhá Rita, e do seu próprio espírito leve, Damião esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia. Não fiava do caráter mole do padrinho. Contudo,

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

jantou bem; e, para o fim, voltou às pilhérias da manhã. A sobremesa, ouviu um rumor de gente na sala, e perguntou se o vinham prender.

– Hão de ser as moças.

Levantaram-se e passaram à sala. As moças eram cinco vizinhas que iam todas as tardes tomar café com Sinhá Rita, e ali ficavam até o cair da noite.

As discípulas, findo o jantar delas, tornaram às almofadas do trabalho. Sinhá Rita presidia a todo esse mulherio de casa e de fora. O sussurro dos bilros e o palavrear das moças eram ecos tão mundanos, tão alheios à teologia e ao latim, que o rapaz deixou-se ir por eles e esqueceu o resto. Durante os primeiros minutos, ainda houve da parte das vizinhas certo acanhamento; mas passou depressa. Uma delas cantou uma modinha, ao som da guitarra, tangida por Sinhá Rita, e a tarde foi passando depressa. Antes do fim, Sinhá Rita pediu a Damião que contasse certa anedota que lhe agradara muito. Era a tal que fizera rir Lucrecia.

– Ande, senhor Damião, não se faça de rogado, que as moças querem ir embora. Vocês vão gostar muito.

Damião não teve remédio senão obedecer. Malgrado o anúncio e a expectativa, que serviam a diminuir o chiste e o efeito, a anedota acabou entre risadas das moças. Damião, contente de si, não esqueceu Lucrecia e olhou para ela, a ver se rira também. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa. Não ria; ou teria rido para dentro, como tossia.

Saíram as vizinhas, e a tarde caiu de todo. A alma de Damião foi-se fazendo tenebrosa, antes da noite. Que estaria acontecendo? De instante a instante, ia espiar pela rótula, e voltava cada vez mais desanimado. Nem sombra do padrinho. Com certeza, o pai fê-lo calar, mandou chamar dous negros, foi à polícia pedir um pedestre, e aí vinha pegá-lo à força e levá-lo ao seminário. Damião perguntou a Sinhá Rita se a casa não teria saída pelos fundos; correu ao quintal e calculou que podia saltar o muro. Quis ainda saber se haveria modo de fugir para a Rua da Vala, ou se era melhor falar a algum vizinho que fizesse o favor de o receber. O pior era a batina; se Sinhá Rita lhe pudesse arranjar um rodaque, uma sobrecasaca velha... Sinhá Rita dispunha justamente de um rodaque, lembrança ou esquecimento de João Carneiro.

– Tenho um rodaque do meu defunto, disse ela, rindo; mas para que está com esses sustos? Tudo se há de arranjar, descanse.

Afinal, à boca da noite, apareceu um escravo do padrinho, com uma carta para Sinhá Rita. O negócio ainda não estava composto; o pai ficou furioso e quis quebrar tudo; bradou que não, senhor, que o peralta havia de ir para o seminário, ou então metia-o no Aljube ou na presiganga. João Carneiro lutou muito para conseguir que o compadre não resolvesse logo, que dormisse a noite, e meditasse bem se era conveniente dar à religião um sujeito tão rebelde e vicioso. Explicava na carta que falou assim para melhor ganhar a causa. Não a tinha por ganha, mas no dia seguinte lá iria ver o homem, e teimar de novo. Concluía dizendo que o moço fosse para a casa dele.

Damião acabou de ler a carta e olhou para Sinhá Rita. Não tenho outra tábua de salvação, pensou ele. Sinhá Rita mandou vir um tinteiro de chifre, e na meia folha da própria carta escreveu esta resposta: "Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos". Fechou a carta com obreia, e deu-a ao escravo, para que a levasse depressa. Voltou a reanimar o seminarista, que estava outra vez no capuz da humildade e da consternação. Disse-lhe que sossegasse, que aquele negócio era agora dela.

– Hão de ver para quanto presto! Não, que eu não sou de brincadeiras!

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrécia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

– Ah! malandra!

– Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

– Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrécia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

– Anda cá!

– Minha senhora, me perdoe!

– Não perdoo, não.

E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

– Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

– Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha Jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

– Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

– Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.

**3.** No conto, acompanhamos a história de Damião, um jovem branco que foge de um seminário; Sinhá Rita, mulher branca que acolhe o rapaz em sua casa; e Lucrécia, uma menina negra escravizada.

Embora a descrição da menina seja breve, as marcas de tortura evidenciam a crueldade de Sinhá Rita e as duras condições de vida da criança. Apesar disso, Lucrécia é capaz de rir e se divertir com a situação de Damião. O jovem, por sua vez, se sente culpado, pois sabe que está atrapalhando o ritmo de trabalho da menina. Os momentos de descontração são interrompidos pelas ameaças de Sinhá Rita. Mesmo sentido, receoso de perder o apoio de Sinhá Rita, Damião acaba entregando a vara para a senhora, que a usa como instrumento de castigo para a menina. Por meio dos personagens e de suas ações, Machado, mais uma vez, denuncia a crueldade da escravidão, as desigualdades sociais, o egoísmo e a hipocrisia das classes dominantes. Explore essas questões com a turma, instigando-os a trazerem novas leituras, percepções e sentimentos.

**4.** Na próxima rodada de leitura, a turma poderá escolher qual conto gostaria de ler entre os três a seguir:



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

- [Mariana](#)<sup>11</sup>;
- [Pai contra mãe](#)<sup>12</sup>;
- [O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana](#)<sup>13</sup>

Compartilhe com a turma os títulos de cada um dos contos, juntamente com um breve resumo, de maneira que as(os) estudantes se interessem pela leitura. A ideia é dividir a sala em três grupos iguais, que chamaremos de “Grupo de Especialistas”, para que cada um deles leia um dos textos. Uma vez que os grupos estejam formados e todas as pessoas saibam qual texto vão ler, sugerimos a seguinte dinâmica:

- A. Cada estudante lerá um conto individualmente, de acordo com o seu grupo. Durante ou após a leitura, devem anotar a resposta para a seguinte pergunta provocadora: “Qual é a relação desse texto com os dias atuais?”.
- B. Após a leitura individual, as(os) estudantes deverão se reunir com seu Grupo de especialistas para discutir partes do texto que não compreenderam bem, compartilhar os aspectos que mais chamaram a sua atenção e socializar as respostas para a pergunta provocadora.
- C. Depois, o Grupo de especialistas deve discutir e escolher qual é a resposta que mais o representa, podendo até criar uma nova resposta a partir da discussão coletiva. Em seguida, o grupo deve eleger uma dupla de representantes que deverá apresentar um resumo do conto e sua relação com os dias atuais para a turma inteira.
- D. Por fim, organize as apresentações das duplas de representantes.

A proposta de relacionar textos antigos com questões atuais é uma maneira de oportunizar uma reflexão subjetiva sobre o sentido dos textos para cada indivíduo, bem como reconhecer o caráter atemporal dos textos literários. Essa proposta também está presente na última etapa, em que a turma será convidada a produzir um vídeo para as redes sociais.

---

<sup>11</sup> Disponível no link

<https://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONTO.%20Mariana.%201871.htm>.

<sup>12</sup> Disponível no link <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>.

<sup>13</sup> Disponível no link

[https://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/CONTO,%20Papeis%20Avulsos,%201882.htm#o\\_espelho\\_abaixo](https://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/CONTO,%20Papeis%20Avulsos,%201882.htm#o_espelho_abaixo).



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Saiba mais:

- Assista ao vídeo [“O que é um conto, como surgiu e dicas para escrever”](#)<sup>14</sup> para saber mais sobre as características dos contos contemporâneos e dicas para a escrita de um bom texto.

### Outras possibilidades:

- Experimente explorar as conexões entre os contos de Machado de Assis e outras obras literárias de autoria negra do século XIX, como Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama e Cruz e Sousa, assim como escritoras e escritores negros contemporâneos.
- Também é muito interessante e potente promover o diálogo entre os contos de Machado de Assis e outras produções contemporâneas, como a música e as artes visuais. Para se inspirar, assista ao [vídeo](#)<sup>15</sup> em que um educador narra sua experiência ao relacionar Machado de Assis, Racionais MC's e Tarsila do Amaral.

## 6ª etapa: Machado de Assis nas redes sociais! (4 a 5 aulas)

### Objetivos:

- Construir sentidos para textos de Machado de Assis, refletindo sobre a relação deles com os dias atuais.
- Criar vídeos curtos para serem publicados nas redes sociais, explorando recursos digitais e tecnológicos.
- Compartilhar as aprendizagens, estimulando outras pessoas a lerem a obra de Machado de Assis.

<sup>14</sup> Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=Z7XEnhVJdRk&t=1s>.

<sup>15</sup> Disponível no link <https://youtu.be/JETajePH8O8?t=431>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Atividades:

1. Como forma de encerrar esta sequência didática, propomos que a turma crie vídeos curtos para serem publicados em plataformas como o TikTok ou o Instagram. A ideia é que os vídeos abordem Machado de Assis e sua relevância atual. Essa é uma maneira de construir sentidos a textos do século XIX, que são lidos por estudantes atualmente. Além disso, é uma ótima forma de celebrar o término do trabalho, compartilhar o aprendizado e despertar o interesse de outras pessoas pelos textos de Machado.

Inicialmente, divida a sala em grupos de 4 a 6 estudantes. Explique a proposta e escolham se gostariam de gravar vídeos para o TikTok ou para o Reels do Instagram. Em seguida, mostre alguns vídeos selecionados que tenham relação com o universo educacional para inspirar as(os) estudantes. Algumas sugestões de perfis e *hashtags*:

- [Simone Porfíria](#)<sup>16</sup>;
- [Sandro Curió](#)<sup>17</sup>;
- [Débora Aladim](#)<sup>18</sup>;
- [#aprendanotiktok](#)<sup>19</sup>;
- [#estudandotiktok](#)<sup>20</sup>;
- [#estudos](#)<sup>21</sup>.

2. É possível que você encontre bastante heterogeneidade na turma, havendo estudantes que não estejam familiarizados ou não tenham acesso a esses recursos, enquanto outros possam utilizá-los com facilidade, interagindo e produzindo conteúdo com frequência. Assim, as(os) estudantes que têm mais facilidade podem oferecer uma oficina sobre o TikTok/Instagram, explicando o funcionamento dessas redes e dando dicas para a criação de vídeos interessantes.

3. O próximo passo é compartilhar o tema que deve orientar as produções. O objetivo é gravar vídeos sobre Machado de Assis e a sua relevância nos dias atuais. Para isso, sugerimos a seguinte pergunta mobilizadora: “Qual é a relação dos textos de Machado de Assis com hoje em dia?”. Entre os muitos caminhos que as(os) estudantes podem escolher, destacamos alguns:

- Resumir e apresentar os textos.

<sup>16</sup> Disponível no link <https://www.tiktok.com/@simoneporfiria>.

<sup>17</sup> Disponível no link <https://www.tiktok.com/@matematicasandrocurio>.

<sup>18</sup> Disponível no link <https://www.tiktok.com/@dedaaladim>.

<sup>19</sup> Disponível no link <https://www.tiktok.com/tag/aprendanotiktok>.

<sup>20</sup> Disponível no link <https://www.tiktok.com/tag/estudandotiktok>.

<sup>21</sup> Disponível no link <https://www.tiktok.com/tag/estudos>.



### A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

- Encenar como seria uma história de Machado de Assis se passando na atualidade.
- Relacionar textos do autor a questões ou situações atuais. Por exemplo, como Machado de Assis denunciaria o racismo nos dias de hoje?
- Explorar a faceta crítica do autor em relação ao racismo.
- Realizar uma entrevista fictícia com um dos personagens dos textos lidos.
- Falar sobre características da escrita de Machado, como a ironia, por exemplo.

**Atenção:** como os textos lidos na sequência didática tratam de escravidão, é necessária uma mediação bastante atenta e ativa para evitar comportamentos racistas, reprodução de estereótipos e *bullying*. Por exemplo, caso os grupos desejem interpretar personagens dos contos e crônicas, é preciso ter cuidado para que estudantes negras(os) não sejam colocados para interpretar escravizados, pois seria uma situação degradante e desnecessária, podendo causar grande sofrimento.

4. Com os grupos formados, agora é necessário criar roteiros simples para a gravação dos vídeos. Se necessário, disponibilizamos um modelo abaixo.

<b>Roteiro do vídeo</b>	
Tema	
Duração	
Formato (entrevista, encenação, etc.)	
Participantes	
Tópicos abordados	

Uma possibilidade de enriquecer a construção do roteiro consiste em propor que cada grupo apresente a primeira versão para outro, recolher sugestões e aprimorá-lo com base nas contribuições das(os) colegas.

5. Com os roteiros finalizados em mãos, os grupos passam à etapa de gravação dos vídeos. Como são curtos, eles podem refazer a gravação algumas vezes, se necessário, até alcançarem o resultado desejado. Por fim, é chegada a hora de publicar. Vocês podem criar um perfil no TikTok/Instagram para o projeto e publicar todas as produções nele, ou as(os) estudantes podem utilizar suas próprias contas e usar uma mesma *hashtag* para identificar os vídeos.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

6. Agora é só divulgar na escola e nas redes, acompanhando as curtidas, comentários e interações!

### **Dica:**

Para avaliar as produções, é possível criar uma rubrica com critérios que sejam construídos coletivamente antes do início da produção dos vídeos. Saiba mais na página do Instagram [Na aula de português](#)<sup>22</sup>.

### **Outras possibilidades:**

Se preferir organizar um trabalho mais focado em produção textual, é possível dar uma profundidade maior no processo de escrita dos roteiros.

Uma alternativa interessante é organizar a produção de *podcasts*. Saiba mais nos links abaixo:

- [Planejando um podcast a partir do conto clássico - Nova Escola](#)<sup>23</sup>;
- [Gravando podcasts a partir do conto clássico - Nova Escola](#)<sup>24</sup>;
- [Edição de podcasts a partir do conto clássico - Nova Escola](#)<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> Disponível no link [https://www.instagram.com/p/CESTIXSntb2/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CESTIXSntb2/?utm_source=ig_web_copy_link).

<sup>23</sup> Disponível no link <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/lingua-portuguesa/planejando-um-podcast-a-partir-do-conto-classico/4293>.

<sup>24</sup> Disponível no link <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/lingua-portuguesa/gravando-podcasts-a-partir-do-conto-classico/4292>.

<sup>25</sup> Disponível no link <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/lingua-portuguesa/edicao-de-podcasts-a-partir-do-conto-classico/4291>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Referências bibliográficas

BRASIL-MEC/SEPPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. Estratégias de Caramujo. In: **Machado de Assis: afro-descendente - escritos de caramujo** [antologia]. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2009.

GLEDSOON, John. Introdução. In: **Bons Dias!:** crônicas (1888-1889). São Paulo: HUCITEC: Editora da Unicamp, 1990.

ROUXEL, Annie. A tensão entre utilizar e interpretar na recepção de obras literárias em sala de aula: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p. 151-164.

### Sobre o autor

**Esdras Soares** é mestre, licenciado e bacharel em Letras (USP), com pesquisa sobre literatura e educação das relações étnico-raciais. Contato: [esdras.soa@gmail.com](mailto:esdras.soa@gmail.com).



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### ANEXO I

Aqui você encontra o artigo indicado na **Introdução**, da sequência didática **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**.

#### **Machado de Assis, um escritor negro**

Esdras Soares

Joaquim Maria **Machado de Assis** nasceu em 1839, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. A casa em que viveu era próxima ao Valongo, região de desembarque de africanos escravizados entre os séculos XVIII e XIX. Machado era negro, neto de pessoas escravizadas que haviam conquistado a liberdade e filho de Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado da Câmara.

O escritor não teve acesso à educação formal e quem lhe ensinou as primeiras letras foi sua madrasta, Maria Inês, que o criou após a morte da sua mãe, ainda na infância. Quando ele tinha 12 anos de idade, seu pai também faleceu, e ele passa a ajudar a madrasta vendendo doces nas ruas. Aos 16 anos, começa a trabalhar como aprendiz na Imprensa Nacional e, mais tarde, vai para a Livraria Paula Brito, um importante local de encontro entre jornalistas e escritores da época. Depois, ingressa no funcionalismo público, setor onde fez carreira.

Machado inicia sua trajetória como escritor publicando crônicas em jornais. Depois, publica contos e romances que o levaram a um amplo reconhecimento ainda em vida. Hoje, o fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL), considerado o maior escritor brasileiro, é o expoente máximo do Realismo no país e é conhecido internacionalmente, tendo publicado dezenas de obras, entre romances, contos, crônicas, poemas, dramaturgia e crítica literária e teatral. Por isso, está sempre presente nos materiais didáticos e nas propostas de leitura literária nas escolas.

O que nem todas as pessoas sabem é que Machado de Assis era um homem negro. Ao perguntar a uma turma de estudantes, por exemplo, a respeito da imagem que inicialmente lhes vem à cabeça ao pensarem em Machado (ou sobre o “maior escritor brasileiro”), provavelmente surgirá a figura de um homem branco<sup>1</sup>. Isso acontece porque há uma predominância de obras literárias publicadas por homens brancos, mas também porque o autor passou por um processo de branqueamento ao longo do tempo.

Nas próximas linhas, vamos explorar as origens históricas dessa questão, discutir sobre porque é relevante saber que Machado era um escritor negro e refletir



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

sobre como podemos adotar essa perspectiva para elaborar propostas de leitura das suas obras.

### As representações de Machado de Assis

Na segunda metade do século XIX, chegaram ao Brasil diversas *teorias raciais*, também chamadas de *darwinismo racial*, que diziam que havia diferenças inatas entre brancos e não-brancos, inclusive do ponto de vista biológico. Essas teorias eram predominantes nas ciências sociais, na biologia e na medicina, servindo de base para a *eugenia*, que defendia a separação e o isolamento das populações, estimulando a reprodução da branca, tida como superior, e buscando o extermínio da negra e da indígena, consideradas inferiores.

A eugenia, por sua vez, fundamentou a *teoria do branqueamento*, que afirmava que o Brasil se tornaria um país totalmente branco no futuro. Isso seria possível por meio de uma política de imigração implementada pelo governo brasileiro, que trouxe milhões de europeus para o Brasil com a intenção de que se misturassem à população negra, que desapareceria gradualmente. Os seguidores dessas ideias racistas acreditavam que o país se fortaleceria com características europeias e que a miscigenação era a chave para tornar o Brasil uma nação branca, tanto em seu fenótipo quanto na sua cultura.

Assista aos vídeos da professora Lilia Schwarcz sobre a entrada das teorias raciais no Brasil e as teorias do branqueamento que orientaram as políticas de imigração do governo brasileiro e seus reflexos na atualidade.

- A entrada das teorias raciais no Brasil  
(disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY>)
- Teorias do branqueamento no passado e no presente  
(disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=RS7OGC8fZBo>)

Além da estratégia de imigração, o branqueamento se manifesta, também, na representação de pessoas negras como brancas, como é o caso de Machado de Assis (a começar por seu atestado de óbito, que dizia que ele era de “cor branca”). Um dos episódios mais conhecidos é o que envolve o historiador e crítico literário José Veríssimo e o político e jurista Joaquim Nabuco<sup>2</sup>. Em 1908, logo após a morte de Machado, Veríssimo escreveu um artigo para o *Jornal do Comércio* elogiando as qualidades do escritor e o chamando de “mestiço” e “mulato”. O artigo obteve bastante

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

repercussão e Nabuco lhe deu uma resposta enfática, em uma carta pessoal, afirmando que Machado era branco.

**Olympio da Silva Pereira**  
OFFICIAL DO REGISTRO CIVIL

E  
ESCRIVÃO VITALICIO DA 6ª PRETORIA DO DISTRITO FEDERAL

Em 19 de Setembro de 1908

Certifico que do livro de registro de obitos sob n. 53 consta a fl. 63 e v. o registro de obito de Joaquim Maria Machado de Assis

Idade sessenta e nove annos

Estado vivo

Natural desta Capital Federal

Profissão de funcionario publico

Filho de

Cor branca

Fallecido de arterio esclerose generalizada, 5<sup>1/2</sup> horas da manhã dia 29 de Setembro de 1908

Residencia Rua Comendador Nunes numero dezaitis

Deixou testamento? Deixou

Nome(s) do(s) declarante(s) Rodrigo C. Langgaard Jensen e Paulo Vasconcelos

Medico attestante Dr. Jaime Smith de Vasconcelos

Numero do Registro Antecedido e novata e unico

Lugar do enterramento, Cemiterio de

O referido e verdade; dou fé.

O ESCRIVÃO  
*Olympio da Silva Pereira*  
Rio de Janeiro, 19 de Setembro 1908



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/48632106826>.

Embora isso tenha acontecido no passado, o branqueamento de Machado ainda é visto hoje, como mostra o caso da propaganda da Caixa Econômica Federal exibido em 2011. O objetivo da publicidade era destacar seu vínculo com a história brasileira, como o primeiro banco do país, apontando que Machado era um de seus clientes. No vídeo, o ator que representa Machado era branco. Após inúmeras críticas, a Caixa pediu



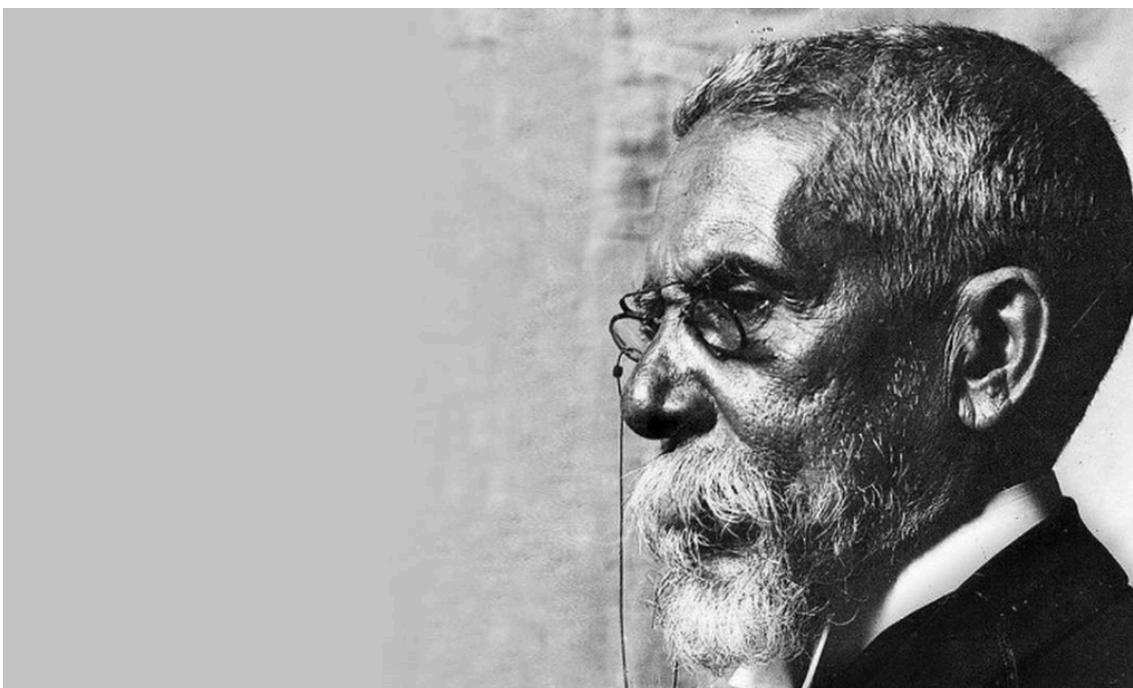
### A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

desculpas à sociedade e refez o comercial, desta vez com um ator negro, com um tom de pele mais próximo ao que teria o escritor.

Assista ao vídeo comercial da Caixa Econômica representando Machado de Assis como um homem branco e ao relançamento do mesmo comercial com um ator negro representando o escritor:

- Caixa relança propaganda com personagem de Machado de Assis (disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=idaAFaYXnAM>)

Da mesma forma, ainda é relativamente comum ver materiais didáticos, livros e textos na internet retratando Machado como um homem branco. Ao mesmo tempo, poucas pessoas conhecem imagens diferentes desse tipo de representação. Na imagem abaixo, por exemplo, vemos um exemplo significativo. A fotografia, sem identificação de data e autor, foi trazida a público inicialmente pelo biógrafo Raymundo Magalhães Júnior, em 1957. A imagem mostra um Machado com traços negros e pele escura.



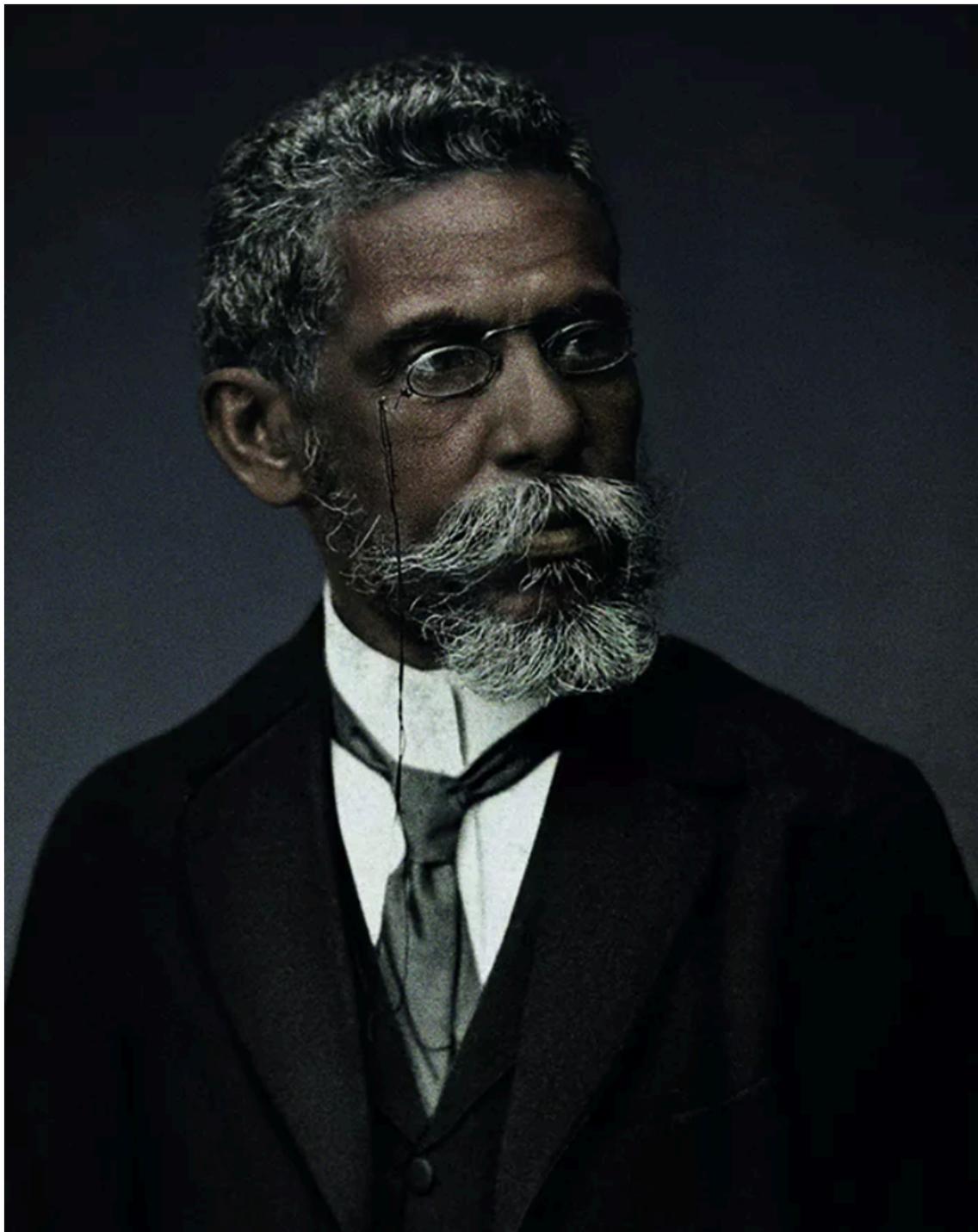
Fonte: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes

Tendo em vista essa questão das imagens do escritor, em 2019 a Faculdade Zumbi dos Palmares lançou a campanha Machado de Assis Real<sup>3</sup>, colorindo uma



### A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

imagem de 1893, disponível abaixo. Para os organizadores da campanha, trata-se de uma “errata histórica feita para impedir que o racismo na literatura seja perpetuado”.



Fonte: <http://www.machadodeassisreal.com.br/>



## **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**

### **As relações raciais na obra de Machado de Assis**

Além do branqueamento do fenótipo de Machado de Assis, há outro de igual ou maior intensidade: o branqueamento de sua atuação política e de sua literatura. Por muito tempo, o escritor foi visto como alguém que compactuava com as classes dominantes da época, além de não se posicionar contra a escravidão e ignorar a realidade da população negra no Brasil, embora essa lhe tocasse diretamente.

No entanto, nas últimas décadas, vem ganhando força uma leitura que considera, entre outras questões, sua condição de homem negro, livre, letrado e politicamente atuante em uma sociedade escravocrata. O escritor era um homem público e costumava dar seus passos sempre com muita cautela. Assim, Eduardo de Assis Duarte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), caracteriza Machado como um escritor que utiliza “estratégias de caramujo”, optando sempre pelo confronto às escondidas: “Machado nunca opta pelo confronto aberto. Ao contrário, vale-se da ironia, do humor, da diversidade de vozes, e de outros artifícios para inscrever seu posicionamento” (DUARTE, 2009, p. 253).

Dessa forma, embora não esteja presente em sua obra literária uma voz assumidamente negra (ao contrário de outros escritores negros que foram seus contemporâneos, como Luiz Gama e Cruz e Sousa), Machado não aderiu ao discurso da branquitude e não reproduziu a desumanização da população negra que havia na época. O autor, assim, rompia o círculo perverso de reprodução de preconceitos em relação a esse grupo.

A literatura de Machado de Assis é conhecida e reconhecida por mergulhar de forma crítica, complexa e aprofundada nas relações sociais do Brasil. E faz isso a partir de uma perspectiva muito particular, pois sua produção não deixa dúvidas de onde o autor fala: trata-se de um homem negro, de origem pobre e nascido em uma sociedade escravocrata; e esta condição se manifesta na sua produção literária.

### **Possibilidades de leitura de Machado de Assis na escola**

Considerando a perspectiva que temos explorado até aqui sobre Machado de Assis e tendo em vista que o autor era consciente de seu protagonismo na cultura e na sociedade brasileira, é possível lançar um olhar mais apurado para os seus textos que levamos para a escola. Geralmente, ao abordar a obra machadiana, fala-se sobre o trabalho com a linguagem, a ironia, o sarcasmo, o cinismo, o humor, a crítica à burguesia, entre outros aspectos.

De fato, as características elencadas acima são marcantes em sua obra e, por isso mesmo, são constantemente mobilizadas pelo autor ao abordar a temática racial e criticar ferozmente a escravidão e a desumanização de pessoas negras. Exemplos disso não faltam em suas obras literárias.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Entre seus romances, podemos destacar: *Memorial de Aires* (1908), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), *Iaiá Garcia* (1878), *Helena* (1876) e *Ressurreição* (1872). Nessas obras, têm lugar os problemas vivenciados pelas pessoas negras e, embora ocupem papéis secundários, elas são representadas com traços de humanidade – diferente de outras obras literárias do período, como dissemos anteriormente.

Em seus contos, a condição das pessoas negras é tratada de maneira mais explícita e são denunciados os horrores da escravidão. São inúmeros os exemplos de contos que tratam dessa temática, inclusive bastante conhecidos, como “Pai contra mãe” (1906), “O caso da vara” (1899), “O Espelho” (1882), “Mariana” (1871) e “Virginius” (1864).

Por fim, destacamos que foi na crônica que Machado criticou de maneira mais contundente a escravidão e a podridão da elite escravista. Vale ressaltar que esses textos eram publicados em grandes jornais, sendo que eles eram o principal meio de comunicação da época e contavam com grande circulação entre a população letrada.

Dessa forma, levando em conta os textos indicados acima, é possível desenvolver propostas de leitura das obras de Machado de Assis que o entendam como um escritor negro que aborda em seus textos as tensões raciais brasileiras e a escravidão.

## NOTAS

1. Leia a entrevista [“Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro”](#)<sup>26</sup>, com a professora Regina Dalcastagnè, sobre um estudo realizado pelo Grupo de Estudo em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília (UnB) que busca traçar o perfil do romancista no Brasil.
2. Leia o artigo [“A Caixa Econômica Federal, a política do branqueamento e a poupança dos escravos”](#)<sup>27</sup>, de Ana Maria Gonçalves, sobre o episódio envolvendo as personalidades José Veríssimo e Joaquim Nabuco e o processo de branqueamento sofrido pelo escritor Machado de Assis.

---

<sup>26</sup> Disponível no link

<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>.

<sup>27</sup> Disponível no link

<https://www.geledes.org.br/caixa-economica-federal-politica-branqueamento-e-poupanca-dos-escravos-por-ana-maria-goncalves-2/>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

3. Leia mais acessando a notícia [“Campanha recria foto clássica de Machado de Assis e mostra o escritor negro: ‘Racismo escondeu que ele era’”<sup>28</sup>](#), publicada no Portal Geledés.

### Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2014.

CUTI. Literatura Negro-Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Estratégias de Caramujo. In: Machado de Assis: afro-descendente - escritos de caramujo [antologia]. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2009.

OLOPES, Elisângela Aparecida. Machado de Assis. In: Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro: Pallas, p. 61-65, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

### Sobre o autor

Esdras Soares é bacharel, licenciado e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com pesquisa sobre literatura e educação das relações étnico-raciais. Contato: [esdras.soa@gmail.com](mailto:esdras.soa@gmail.com).

---

<sup>28</sup> Disponível no link

<https://www.geledes.org.br/campanha-recria-foto-classica-de-machado-de-assis-e-mostra-escritor-negro-racismo-escondeu-quem-ele-era/>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### ANEXO II

Aqui você encontra o artigo indicado na **Introdução**, da sequência didática **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**.

#### **Unido o discurso à prática: não basta ser antirracista. É preciso ler o que as autoras e autores negros escrevem**

Bel Santos Mayer

Este artigo propõe uma breve reflexão sobre o lugar ocupado pela literatura no enfrentamento do racismo e na promoção da igualdade racial. É um convite para educadoras e educadores refletirem sobre a presença (ou a ausência) da literatura de autoria negra no acervo da escola, na programação de suas aulas e em seu repertório leitor.

Repito para nós a pergunta do coletivo Mulheres Negras na Biblioteca: “Quantas autoras negras você já leu”? Com o objetivo de incentivar o conhecimento de escritoras negras, a leitura de suas obras e sua inclusão nos acervos das bibliotecas, esse coletivo promove encontros e atividades culturais relacionadas ao tema. À sua pergunta poderíamos acrescentar: Quantas autoras(es) negras(os) você já indicou em suas aulas? Quantos livros de autoria negra você já leu com as(os) estudantes? O que isso representa dentro do número de obras indicadas por você?

Seja qual for sua resposta, ela nos leva à reflexão sobre a presença e a ausência de obras de autoria negra nas escolas, livrarias, bibliotecas, premiações literárias e outros espaços correlatos. É provável que estejamos próximas(os) do que o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, coordenado pela Profa. Dra. Regina Dalcastagnè, vem pesquisando desde 2003. Ao analisar 692 romances publicados por grandes editoras, escritos por 383 autoras(es) entre 1965 e 2014, concluíram que, em 43 anos, o perfil do romancista brasileiro se manteve estável: homens brancos, de classe média, moradores do Sudeste, narram histórias de protagonistas e coadjuvantes brancos com poucas variações:

Apesar de bastante homogêneos, os dados mostram um aumento de 12 pontos percentuais na publicação de romances escritos por mulheres – fato que, por sua vez, não produziu um crescimento significativo na quantidade de personagens femininas. O que salta aos olhos – mas não surpreende – é a falta de mulheres e homens negros tanto na posição de autores (2%) como na



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

de personagens (6%). Mulheres negras aparecem como protagonistas em apenas seis ocasiões, e outras duas como narradoras das histórias. Mulheres brancas, por sua vez, ocuparam essas posições 136 e 44 vezes, respectivamente. Os autores vivem basicamente no Rio de Janeiro (33%), São Paulo (27%) e Rio Grande do Sul (9%) (MASSUELA, Amanda, 2018).

Uma representatividade de autoria negra incipiente, que somada à 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2021)<sup>29</sup> pode nos levar à confirmação de que lemos pouco, lemos mal e lemos os mesmos. Será apenas isso? Tem gente nadando contra essa corrente.

### O Brasil que lê!

Em 2020 a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), com o apoio do Instituto C&A e do Itaú Social, realizaram uma pesquisa junto às bibliotecas comunitárias para avaliar dimensões de suas práticas de formação de leitoras(es). Os resultados foram publicados pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e pelo CCLF sob o título: *O Brasil Que Lê: Bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*<sup>30</sup>.

No Brasil que lê há bibliotecas comunitárias gestadas especialmente por jovens que algum dia acharam que não gostavam de ler. Em algum lugar estava escrito que a literatura não lhes pertencia. Tinham aprendido que a literatura era luxo ou algo para quem tem tempo sobrando, coisa rara entre as(os) trabalhadoras(es) braçais.

Porém, essas(es) jovens se encontraram com outras(os) jovens que acreditavam na força da palavra para a construção de mundos. Jovens que se juntavam para compartilhamentos literários, que emprestavam palavras para dizer em seus próprios sotaques, para escrever os seus textos. Para elas e eles, a literatura foi virando espelho para se ver, para olhar para trás e conhecer quem veio antes, para refletir o caminho para quem chegou depois. A literatura em suas vidas, mesmo sem intenção, virou espaço de autoconhecimento, de conhecimento e reconhecimento de histórias que lhes foram escondidas.

Jovens negras(os), jovens periféricas(os), construindo e ocupando bibliotecas comunitárias nas bordas do país, passaram a contribuir ativamente para que os livros continuassem vivos e revelando autoras(es) colocadas(os) à margem. Contrariando as perspectivas mais pessimistas sobre o fim dos livros físicos e da espécie de “jovens

<sup>29</sup> A íntegra da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* pode ser acessada cadastrando-se no site <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>.

<sup>30</sup> Publicação disponível em: <http://cclf.org.br/project/o-brasil-que-ler-bibliotecas-comunitarias-e-resistencia-cultural-na-formacao-de-leitores/>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

leitores” com a imaginária presença maciça dos celulares em suas mãos, vemos o crescimento dos saraus e dos slams, das editoras independentes e das livrarias de rua. Qual seria o segredo?

O editor e livreiro Alexandre Martins Fontes<sup>31</sup>, indagado sobre os livros continuarem existindo apesar do avanço da tecnologia, apresentou dados sobre o aumento do número, da qualidade da produção gráfica e da diversidade dos lançamentos, apesar da crise desencadeada pela pandemia da covid-19. Segundo Alexandre, embora o processo criativo seja cada vez mais digital e virtual, o livro físico continua sendo um objeto de arte insubstituível. Para explicar a emoção de se ter um livro físico em mãos, ele recorre à imagem da ultrassonografia de uma gestante: por mais impressionante que seja a qualidade da imagem, nada se compara à emoção de se ter a(o) filha(o) no colo no nascimento. Parece difícil discordar dessa metáfora.

Um outro fator para o fracasso do decreto de morte dos livros, arriscamos dizer, seriam os livros-espelhos; livros que possibilitam ver-se no que lê. Quando a(o) leitora(or) encontra narrativas, personagens e palavras que descem ao chão que ela ou ele pisa, tudo faz mais sentido. Quando empresta seus olhos e voz para ler as memórias das e dos que vieram antes, para conhecer as histórias omitidas por meio de romances, crônicas, contos, poesias, Histórias em Quadrinhos que dão nome a suas dores e aos seus sonhos, percebe que não está sozinha(o) no mundo. Essa literatura que acolhe e aconchega, também convoca. Ler passa a ser um ato poético, educativo e político.

### Negras histórias: a memória como âncora ou vela

A história da escravização de pessoas negras de origem africana no Brasil é marcada por sequestros, coisificação de corpos, violência física, exploração, hierarquização de saberes, tentativa de destruição do pensamento negro. Um perverso processo de apagamento e distorção das memórias da escravidão fez com que, por muito tempo, o legado da escravidão fosse depositado nos ombros de descendentes de escravizadas(os), deixando a descendentes de escravizadores um certo orgulho por ter abolido a escravidão e esquecido o passado. Algo está fora da ordem nessa história. E os movimentos negros sabem bem disso. Por esse motivo reivindicaram a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (Lei 9.394/1996) para a inclusão da História e Cultura da África e das(os) afro-brasileiras(os) no currículo escolar: o que foi conquistado com a Lei 10.639/2003<sup>32</sup>, visando superar os muitos silêncios sobre a presença negra no Brasil.

---

<sup>31</sup> Alexandre Martins Fontes foi recebido por Jair Marcatti no programa Café com repertório #12 - 31 de agosto de 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aCRRrj10QxE>.

<sup>32</sup> A Lei 10.639/2003 acrescenta os artigos 26-A, 79-A e 79-B à Lei no 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. A íntegra está disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm).



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Os caminhos para romper o silêncio sobre as relações raciais no Brasil suscita a inquietante pergunta: “a memória é vela ou âncora?”<sup>33</sup>. Para algumas pessoas, falar da escravização de pessoas negras africanas em nossas terras nos deixaria fixadas(os) ao passado. Para outras, recuperar essas memórias e histórias é o que pode nos lançar para navegarmos por outros mares. Nesse breve artigo, não temos espaço para uma análise mais profunda sobre a escravidão. Recomendamos, caso não conheça, visitar o *Projeto Querino*: “um projeto que mostra como a História explica o Brasil de hoje”<sup>34</sup>.

Falar de memória para as pessoas negras é falar de uma história de silêncios impostos e de silêncios escolhidos como forma de sobrevivência. Quantas tataravós, bisavós, avós negras esconderam seus saberes ancestrais por medo de discriminação, numa cultura que impõe a vergonha por ter cabelo crespo e pele escura, por ser do campo ou conhecer ervas que curam, por professar a fé em religiões de matriz africana?

O contato de filhas(os), netas(os) e bisnetas(os) com essas lembranças transformam a memória em vela. Se num primeiro momento as memórias são âncora que levam à profundidade dos mares onde muitos corpos negros tombaram, em outros a memória é vela que avança ao mar<sup>35</sup>.

Se no passado negras(os) tiveram que omitir suas autorias por terem “um defeito de cor”<sup>36</sup>, hoje, é preciso narrar em primeira pessoa. Trata-se do direito humano à memória, a grafar novas palavras e levá-las para os livros sem pedir licença ou desculpas. É uma forma de garantir “o direito de escrever o vivido, de ressuscitar o que parecia sepultado, gravar o ainda por fazer, de preservar o passado e promover rupturas”(QUEIRÓS, 2007, p. 36). A leitura de autoria negra é uma forma de preencher os vazios deixados pela ausência dessa narrativa, que representa mais da metade da população do país, e contribuir para que as gerações atuais e futuras se reconheçam como construtoras de pensamentos e capazes de sonhar e realizar seus destinos.

### Por que a literatura?

Para a biblioteconomista colombiana Silvia Castrillón (2011), “ler pode ser um meio para melhorar as condições de vida e as possibilidades de ser, de estar e de atuar no mundo”. É certo que a leitura literária sozinha não fará isso, mas sem ela pode ser mais difícil construir um lugar no mundo.

---

<sup>33</sup> Pergunta feita por Eric Nepomuceno no programa Sangue Latino e que deu título a evento de reflexão sobre os 200 anos da independência do Brasil e centenário da Semana de Arte Moderna, promovido pela Pró-reitora de Cultura e Extensão da USP (PRCEU/ USP) em 14/09/2021.

<sup>34</sup> Disponível em <https://projetoquerino.com.br/>.

<sup>35</sup> Referência a fala realizada por Bel Santos Mayer no evento virtual 3X22/ Memória é vela ou âncora?, promovido pela PRCEU/USP em 14/09/2021.

<sup>36</sup> Um decreto no período colonial exigia que pessoas negras interessadas em ingressar no clero ou no serviço militar pedissem “licença” de seu “defeito de cor”.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Esses assuntos que estariam reclusos aos livros de história podem entrar na sala de aula, nas conversas, nos saraus pelo encontro com a fome descrita em *Quarto de Despejo*, por Carolina Maria de Jesus, no diálogo entre avós e netos em *Os nove pentes d'África*, de Cidinha da Silva, com as *Heroínas Negras*, de Jarid Arraes, nas lutas por liberdade em *Ganga Zumba*, de Marcelo D'Saete, nas escrevivências em *Ponciá Vicêncio* ou nas mulheres contadas em *Olhos d'água*, ambos de Conceição Evaristo, nas estratégias para ler e enfrentar o racismo vivido no próprio corpo como *Na minha pele*, de Lázaro Ramos.

Ao ler a literatura de autoria negra há o reconhecimento de que pessoas negras não são redutíveis a duas ou três características estereotipadas. A literatura de autoria negra coloca negras(os) como *sujeitos*, produtoras(es) de pensamento, de saberes, de cultura. É a possibilidade de construir um imaginário mais humano sobre si, de se sonhar no mundo como manifestou a escritora e estudiosa da literatura negra, Neide de Almeida:

Acredito que a literatura assim como as outras formas de arte (escultura, gravura, todas as outras linguagens) tem este papel fundamental de apresentar outras possibilidades de representação. Quando você tem acesso a diferentes representações de um sujeito, do mundo, da forma de você agir, da forma de você pensar, aí que se cria a possibilidade de construir um posicionamento seu; um posicionamento que coincida com aquilo que você é. Então eu acredito que a literatura tem um papel fundamental na construção das identidades, nos processos de representação (ALMEIDA, vídeo LiteraSampAfro lê *Um defeito de cor*, 2016).

Ao conhecer e apresentar autoras(es) negras(os), contribuímos para o (re)conhecimento de que negras e negros são parte do eixo criativo da literatura e dos livros. É uma oportunidade para todas(os) de superação de preconceitos e enfrentamento do racismo. Para jovens negras e negros, porém, ler autoras(es) negras(os) e saber que sua gente resistiu e resiste às práticas e profecias de sua extinção (assim como os livros), talvez seja questão de sobrevivência e construção de uma identidade coletiva.

## BIBLIOGRAFIA

CATRILLÒN, Sílvia. O direito de ler e de escrever. Pulo do Gato, 2011, p. 20.

FERNANDES, Cida.; MACHADO, Elisa.; ROSA, Ester. O Brasil que lê: Bibliotecas comunitária e resistência cultural na formação de leitores. Centro de Cultura Luiz Freire, RNBC, 2018.

MASSUELA, Amanda.; Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro, In: CULT, 5 fev. 2018. 05/02/2018, Disponível em: Acesso em: 15 set. 2022.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Para ler em silêncio. São Paulo: Moderna, 2007.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Sobre a autora

**BEL SANTOS MAYER** é educadora social, coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC, co-gestora da Rede de Bibliotecas LiteraSampa, formadora de jovens mediadoras(es) de leitura, docente da pós-graduação Literatura para Crianças e Jovens do Instituto Vera Cruz. Licenciada em Ciências/Matemática e Bacharel em Turismo, tem especialização em Pedagogia Social, é mestra pelo Programa de PósGraduação em Turismo (EACH/USP), pesquisando a contribuição das bibliotecas comunitárias para o estudo das mobilidades.

### Fonte:

Artigo publicado originalmente na Revista Na Ponta do Lápis (ano XVIII – número 39, novembro de 2022) – Sonhar um sonho tão bonito: como repensar as questões étnico-raciais na educação. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/34/sonhar-um-sonho-tao-bonito>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### ANEXO III

Aqui você encontra o artigo indicado na **Introdução**, da sequência didática **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**.

#### **A literatura, os jovens e a escola: caminhos para a leitura literária e a formação de leitores**

Esdras Soares e Lara Rocha

Há algum tempo, discute-se a noção de que estamos vivendo uma espécie de crise no ensino de literatura, potencializada pelo avanço tecnológico e por rápidas mudanças no mundo contemporâneo. No Brasil, a situação se agrava devido ao baixo letramento da população e a um projeto educacional tecnicista, implementado nas últimas décadas pelas classes dominantes, que visava formar mão de obra para prosseguir com a industrialização acelerada que o país necessitava, levando essa crise a patamares mais altos.

Embora nos últimos anos tenha se avançado bastante na questão da presença da literatura na escola, ela ainda é um grande desafio para os professores e, é claro, para os estudantes. Talvez as primeiras perguntas sejam o que significa ensinar literatura e como se pode ensinar literatura.

Responder a essas questões não é tarefa fácil, uma vez que as adversidades são muitas e de toda ordem: concepções retrógradas sobre a literatura, desinteresse por parte dos estudantes, falta de tempo dos próprios professores para dedicar-se à leitura literária, infraestrutura precária, falta de acesso aos livros, indisciplina e um universo de problemas sociais. Soma-se a isso uma formação inicial frágil, que não nos prepara para as especificidades que são próprias do texto literário e da realidade escolar.

Este artigo busca colocar essas questões em perspectiva – que de maneira mais abrangente também podem ser entendidas como elementos da crise mencionada acima –, traçar um percurso histórico da interface entre literatura e educação, problematizar a maneira que a literatura aparece nas aulas – quando aparece! – e compartilhar possíveis caminhos.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### A literatura como ferramenta, ontem e hoje

Em seu texto “Literatura, escola e leitura”, Regina Zilberman (2008) propõe uma visita ao percurso histórico da interface entre literatura e educação. A autora retorna à Antiguidade e reflete sobre a Educação Moral e Social promovida pelas tragédias gregas e epopeias; à Idade Média, período no qual a literatura era entendida como parte da Gramática, Retórica e Lógica; e ao Renascimento, em que a literatura era utilizada para o ensino do Grego e do Latim.

Entre os séculos XVII e XVIII, surge o modelo moderno de escola e a educação se torna obrigatória e responsabilidade dessa instituição. Nesse momento, a literatura segue com propensão educativa, mas de outra natureza, deixando de ter finalidade ética para privilegiar um caráter linguístico. Em um contexto de consolidação dos Estados Nacionais – isto é, a centralização do poder político e econômico –, o estudo da literatura nacional passa a compor as propostas pedagógicas da escola, como maneira de dar força à língua estabelecida como nacional e às ideologias dominantes.

Contemporaneamente, parece-nos que a escola não passou incólume por esse processo. No contexto brasileiro, até a década de 1970, a literatura era entendida como um meio de transmitir a norma culta e incutir valores morais. A partir dessa década, com a entrada da literatura no então 2º grau, é adotada uma abordagem cronológica e historiográfica, com foco em características de uma época, e a literatura também passa a ser utilizada para o ensino da língua.

Desde então, o ensino da literatura move-se entre dois objetivos: ajuda a conhecer a norma linguística nacional, de que é simultaneamente a expressão mais credenciada; e, arranjada segundo um eixo cronológico, responde por uma história que coincide com a história da região de quem toma o nome e cuja existência acaba por comprovar. (Zilberman, 2008, p. 49.)

Dessa forma, não é exagero dizer que, em contextos escolares, tradicionalmente, a literatura tem funcionado como uma espécie de ferramenta ou apoio (Todorov, 2010), que auxilia no ensino da língua e difunde a história do país e do mundo<sup>37</sup>. Além disso, observa-se uma abordagem calcada na historiografia literária, que busca estabelecer uma série de autores e escolas literárias, com suas características próprias e engessadas.

Tudo isso nos leva à constatação de que as aulas hoje abordam diversas coisas, mas literatura não é uma delas. Por mais que essa maneira de ensinar pareça um porto seguro – e é frequentemente apregoada por algumas universidades e livros didáticos – acreditamos que se trata, na verdade, de uma armadilha, que pode afastar cada vez mais crianças e jovens de um direito fundamental: o direito à literatura (Candido, 2011).

---

<sup>37</sup> É necessário atentarmos para o fato de que “a história do país e do mundo” tradicionalmente diz respeito a apenas uma história: a dos europeus, relegando a segundo plano, ou mesmo à invisibilidade, a história dos indígenas e dos africanos e seus descendentes no Brasil.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Rumos da literatura em sala de aula

Quem de nós, em nossas aulas, nunca se pegou usando um trecho de um conto para ensinar um pronome? Ou um poema para ensinar rima aos pequenos? Ou nas aulas com o Ensino Médio, repassando exaustivamente as características das tais escolas literárias (“– O Barroco é rebuscado, exagerado, mostra o dualismo e as contradições dos seres humanos...”, “– O Realismo valoriza a objetividade, faz uma crítica à hipocrisia da sociedade...”)? Ou repetindo categorias, constantemente esvaziadas, como narrador, tempo e espaço?

Com relação ao Ensino Médio, sabemos que em muitos casos essa abordagem ocorre em função dos exames vestibulares, que tradicionalmente exigem essa forma de entendimento do fenômeno literário. Além disso, estamos acostumados a trabalhar o texto de maneira técnica, afinal nossa formação como professores foi realizada dessa maneira. Somado a isso, um esquema mais rígido de sala de aula – fileiras, texto na lousa e prova de verificação de leitura – oferece para as aulas de literatura certa “seriedade”, o que se torna uma preocupação pela forma com que elas frequentemente são entendidas por estudantes e colegas. Assim, somos engolidos por tantas questões que às vezes até deixamos de levar o texto literário para a sala, restringindo a aula apenas à análise de dados.

E, então, da maneira como estamos fazendo, deixamos nossa turma com vontade de conhecer mais aquele texto? Ficam interessados? Se estudos, pesquisas, relatos de estudantes e nossa própria experiência mostram que isso não funciona bem, de que outra maneira isso poderia ser feito? Quais são os outros caminhos?

### Viabilizar e vivenciar experiências significativas com a literatura

Antes, pontuamos algumas críticas em relação a uma abordagem historiográfica e técnica da literatura. Isso não significa, contudo, que se deve desconsiderar o contexto histórico em que determinado texto foi produzido; também não quer dizer que se deva deixar de estudar os aspectos formais de um texto. Afinal são dados e informações extremamente relevantes para a compreensão dos autores de uma época e do próprio texto literário em si. Mas trata-se de enriquecer o entendimento de um texto com nossas experiências contemporâneas.

A leitura de obras de outras épocas pode encontrar bastante resistência, por parte dos estudantes e até de nós mesmos. É possível que textos de tantos séculos dialoguem com essa geração? E por que não colocar essas temporalidades e temas em diálogo? O que Machado de Assis e Racionais MC’s têm em comum? Como aproximar Maria Firmina e Conceição Evaristo? Essas e várias outras perguntas podem nos auxiliar a dar conta do seguinte desafio: “É fundamental que professores e alunos possam atualizar os



## **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**

sentidos de diferentes produções literárias e responder a seguinte questão: afinal, o que esse(s) texto(s) me diz(em) hoje?” (Martin, 2016, p. 127).

O que se propõe aqui é enxergar o texto literário como obra de arte e viabilizar situações em que os estudantes se envolvam com a literatura. Que eles possam se apaixonar pelo texto, bem como criticar, odiar e questionar, afinal envolver-se é diferente de simplesmente gostar de tudo que lhes é apresentado. Em muitos casos, as práticas de leitura que ocorrem na escola oferecem poucas possibilidades de expressão da subjetividade dos estudantes, que geralmente são obrigados a concordar com uma análise e interpretação que já vêm acompanhadas do oferecimento do texto.

Pesquisas acadêmicas das últimas décadas e documentos educacionais oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelecem as noções de “leitura literária” e “formação de leitores”, ao invés do conceito de “ensino de literatura”. Isso porque “ensino” pressupõe um professor, uma figura de autoridade que pode transmitir um “saber correto” sobre a literatura, enquanto os outros termos supõem um leitor, um sujeito, que participa ativamente do ato da leitura e da construção de sentidos. Essa mudança evidencia a ironia de que há muito tempo existe uma exclusão do leitor nas práticas educacionais e é necessário transformar essa realidade.

Podemos supor que um foco maior nos aspectos subjetivos impossibilita um estudo mais atento da obra. Entretanto, se o nosso objetivo é a formação de leitores, devemos aproveitar a potência que o texto literário tem de dialogar com cada um. A leitura não é somente uma atividade cognitiva e “o processo de elaboração semântica enraíza-se na experiência do sujeito” (Rouxel, 2012, p. 278). Então, parece-nos que uma abordagem distanciada do texto literário impede que leituras bastante singulares aflorem. E por que não trazer essa singularidade para a sala de aula? Por que não fazer disso o tema das conversas?

Bem, mas é possível concretizar essas propostas? É possível aprender (e ler!) literatura sem uma prova de verificação de leitura? E como fazer os estudantes ficarem à vontade para falar do texto? Muitos nem sequer prestam atenção nas aulas, como estimular a participação sobre temas que podem ser tão subjetivos?

Este artigo não ambiciona ser uma fórmula pronta, mas uma conversa aberta e franca. Assim como vocês, diariamente enfrentamos os desafios da sala de aula e às vezes acertamos, às vezes não. O que propomos aqui é nos permitir criar novos olhares e novas dinâmicas para viabilizar a leitura literária e a formação de leitores.

### **Comunidade de leitores como estratégia**

Se estamos nos propondo a encarar de outra maneira as aulas, precisamos entender a participação dos estudantes de outro modo também. A professora e escritora



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

norte-americana bell hooks<sup>38</sup> (2013) nomeia de “Comunidade de aprendizado” o espaço seguro e acolhedor, em que a presença de estudantes e educadores é valorizada. Isso quer dizer que precisamos compreender que cada sujeito influencia a dinâmica da sala de aula, e, à sua maneira, contribui para a aprendizagem. Nesse espaço, todas as falas devem ser escutadas, acolhidas e coletivamente pensadas: novamente, discordar não é um problema, mas é fundamental que se sintam confortáveis para falar.

Compreendemos que a construção de uma “Comunidade de leitores” é uma importante estratégia para envolver estudantes e fazer que se sintam seguros para dividir suas percepções e ideias. Dessa maneira, torna-se possível a leitura compartilhada de textos literários, de modo que tenham vontade e sintam-se convidados a dividir seus olhares acerca do texto.

Pode parecer óbvio para algumas pessoas, mas é importante ressaltar que é fundamental que o texto literário seja lido durante as aulas. Mesmo que a turma tenha os exemplares e leia em casa, esse momento de leitura compartilhada é extremamente rico. Dele podem surgir novos olhares e discussões interessantes. Muitas vezes, trechos que nos passam despercebidos, numa segunda leitura, ou na voz de outra pessoa, ganham força.

Nesse momento, o papel do professor é crucial. Sabemos que existem detalhes, caminhos, que estão presentes no texto, mas nem sempre são percebidos, então é nossa função provocar, alertar e apresentar elementos que possibilitem essa leitura mais completa da obra, além de viabilizar o diálogo entre diferentes interpretações. O escritor Marcelino Freire, debruçando-se sobre experiências de leitura literária na escola, afirma que “se o aluno vivencia essa leitura em sala de aula, ele sente que o professor é um companheiro e não alguém que exige respostas para perguntas” (Freire, 2018, n.p.).

### Mais leitores, mais oportunidades

É comum ouvir que os jovens de hoje leem pouco, que não gostam de ler, que preferem o celular e as redes sociais, sobretudo no Brasil – mas será que isso é verdade? Primeiro, não é o que o número de alfabetizados que mantém alguma prática de leitura, em relação a décadas passadas, nos mostram. Ademais, não é a realidade que o interesse e a mobilização da juventude por ações de cunho literário descortinam. Movimentos, espaços e ferramentas, como saraus, slams, batalhas de rimas, bibliotecas comunitárias, canais de vídeo e podcasts sobre livros apontam que os jovens estão dispostos não só a ler literatura, mas a conversar sobre as leituras, produzir e compartilhar textos próprios, além de buscar formar outros leitores.

---

<sup>38</sup> O pseudônimo da autora é grafado assim mesmo, em letras minúsculas. Segundo ela, a ideia é dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à pessoa.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Essas manifestações, cada vez mais comuns, principalmente nas periferias desse Brasil afora, tiram a literatura da estante e colaboram para a sua popularização. O que esses espaços têm em comum são a presença de textos e uma mediação que abordam temas do cotidiano e falam de experiências muito semelhantes às das pessoas que frequentam e acessam esses lugares. Também se pode observar uma diversidade de autores e obras. Com isso, muitos jovens têm encontrado na literatura um verdadeiro lugar de existência, de ser e de se colocar no mundo.

Está aí uma grande oportunidade para nós professores. Os jovens leem, sim. Então, por que não transformar nossas aulas de literatura – agora Comunidade de leitores – em lugares como esses? Fica o convite!

### Referências

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”, in: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, pp. 171-193.

FREIRE, Marcelino. “Tirar a literatura do pedestal”. [Entrevista concedida a Mônica Cardoso.] Portal Escrevendo o Futuro, 2018. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/marcelino-freire>>.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. “Algumas propostas para o ensino das literaturas africanas e afro- -brasileira no Ensino Médio”. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, v. 8, nº 17, dez., 2016, pp. 125-132.

ROUXEL, Annie. “Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?” Cadernos de Pesquisa, v. 42, nº 145, jan./abr., 2012, pp. 272-283.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ZILBERMAN, Regina. “Literatura, escola e leitura”, in: Literatura & Ensino. Maceió: Edufal, 2008, pp. 45-60.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### Sobre os autores

**Esdras Soares** é técnico de programas e projetos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC Educação), onde integra a equipe do Programa Escrevendo o Futuro / Olimpíada de Língua Portuguesa. Mestrando em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP).

**Lara Rocha** é professora de Língua Portuguesa da rede municipal de São Paulo. Mestranda em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP).

### Fonte:

Artigo publicado originalmente na Revista Na Ponta do Lápis (ano XVI – número 35, julho de 2020) – Saberes e práticas em tempos de mudança. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/29/saberes-e-praticas-em-tempos-de-mudanca>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### ANEXO IV

Aqui você encontra o artigo indicado na **3ª etapa: Leitura da primeira crônica - Explorando a ironia**, da sequência didática **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**.

#### Ensinar leitura lendo

[Uma estratégia que estimula a leitura em camadas, selecionando e parando em trechos específicos da história, de modo a provocar a curiosidade e a análise do leitor durante o próprio ato de ler.]

Magda Soares

É papel da escola – de acordo com a pesquisadora da área da linguagem Magda Soares – democratizar o acesso e ampliar o convívio com múltiplas situações e intenções de leituras. O leitor é diferente a cada prática leitora. São inúmeros os gestos, os modos de ler, sempre atrelados ao objetivo da leitura. Ler silenciosamente, em voz alta, rapidamente, sublinhar o texto, anotar nas bordas das páginas, deter-se às imagens e apelos visuais, ler nas entrelinhas, aprofundar, reler quando surgem dúvidas.

O desafio é materializar – no cenário da sala de aula – a leitura como construção ativa do aluno: interação do leitor com o que diz o autor sobre determinado assunto, tendo o professor como mediador desse processo.

Nesse espaço de diálogo sobre o ensino de língua, relembramos uma estratégia de leitura que pode contribuir para o leitor pouco experiente monitorar sua compreensão: a leitura protocolada, também chamada de “pausa protocolada”. O professor, por meio de uma série de perguntas, provoca o estudante a fazer previsões e checá-las; a articular o repertório prévio – aquilo que já sabe – com as informações do texto; a compreender e refletir sobre o que foi lido. Assim, o jovem leitor atento aos recursos empregados, aos modos de dizer próprios de cada autor, aprende a ler as diversas camadas do texto, ampliando a compreensão do sentido.

Os textos enigmáticos, de suspense e os com finais surpreendentes são os mais indicados para essa estratégia, pois aguçam a curiosidade e físgam o leitor logo nas primeiras linhas da história.

Convidamos você, professor, a viver essa experiência.

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

*É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.*

Magda Soares<sup>39</sup>

### ■ Preparo da leitura

Planeje, com base no conhecimento do ritmo de aprendizagem e do interesse de seus alunos, o número de aulas e os recursos necessários para desenvolver a leitura protocolada. Procure ensaiar o modo de ler com leitura em voz alta, modulação da voz, gestos, expressão facial, interpretação e movimentos, conjunto de ações decisivas na conquista do leitor.

Defina previamente onde serão feitas as pausas, de preferência depois da introdução de algum elemento novo no texto – um lugar, uma personagem, um problema –, ou em trechos que antecedem alguma revelação. No decorrer da leitura, um recurso valioso é o professor ter em mãos o próprio suporte – neste caso, o livro e o dicionário. Exemplares que poderão circular pela sala de aula após a leitura. Explique aos estudantes como será o trabalho, ressaltando a importância dos turnos de **fala e escuta** para melhor aproveitamento da leitura.

### ■ Vamos começar

Provoque o interesse apresentando o título do texto. Você pode escrevê-lo na lousa, em uma tira de papel ou na lâmina de *PowerPoint*, caso sua escola disponha de *Datashow*.



Pergunte aos alunos:

<sup>39</sup> Magda Soares. “Introdução: ler, verbo transitivo”, in: Aparecida paiva; Aracy Martins; graça paulino, Zélia Versiani (orgs.). *Leituras literárias, discursivos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

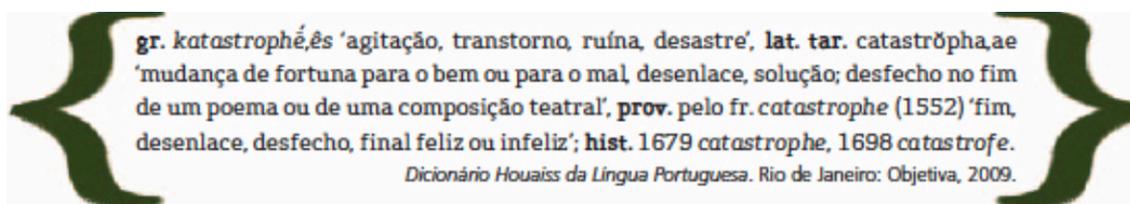
O que o título do texto sugere?

Lembra alguma imagem?

Qual?

Convida à leitura?

Anote as hipóteses levantadas pela turma. Esquente um pouco mais a conversa lendo a etimologia da palavra catástrofe no dicionário.



Na opinião de vocês, Catástrofe é um bom título?

Para qual gênero de texto?

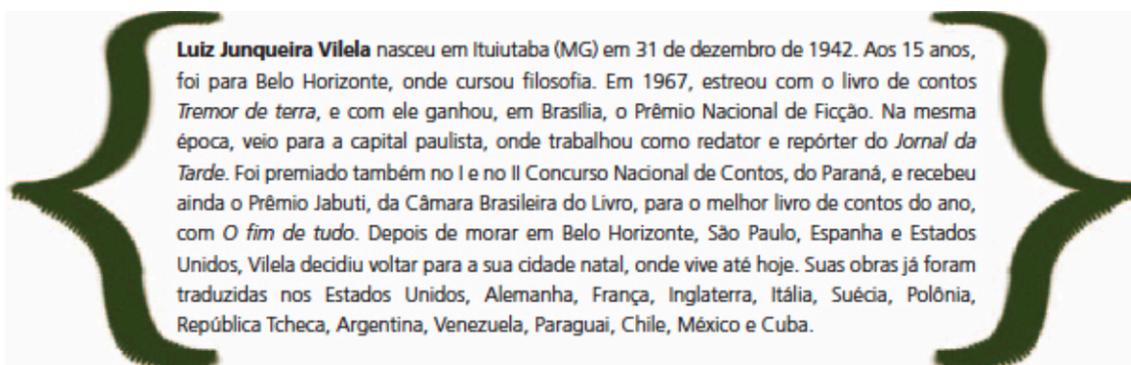
Onde foi publicado?

Espera-se que os alunos indiquem vários gêneros: crônica, conto, poema, artigo de opinião, editorial, manchete... Boa oportunidade para saber se a turma tem familiaridade com a leitura de diversos gêneros textuais, a finalidade de cada um deles e os suportes em que são veiculados.

Informe o nome do autor do conto: Luiz Junqueira Vilela. Pergunte aos alunos se conhecem o escritor, se já leram algum livro dele?

Conhecer a história de vida, a formação, o trabalho, a obra, o período em que o texto foi escrito traduz a cultura de uma época e ajuda o leitor a compreender o modo de narrar do autor.

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas



### Vídeo: Luiz Vilela – Encontros de Interrogação (2011)

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=yDqW1bp9MJA>

Envolva os estudantes no clima da história; informe que o conto “Catástrofe”, de Luiz Junqueira Vilela, foi publicado no livro *A cabeça* (São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 87-92). Aqui, o conto será dividido em seis trechos para o exercício de leitura protocolada. O vídeo abaixo, produzido pela equipe da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, pode ajudar para a realização dessa atividade, a partir da audição de uma leitura dramática do conto “Catástrofe”. Ao longo do exercício, indicaremos os períodos de tempo do vídeo correspondentes a cada um dos trechos do texto a serem trabalhados.

### Vídeo: “Catástrofe”, de Luiz Vilela

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=FBMbB1dRA4Q>

#### ■ Esmiuçar a leitura

Leia em voz alta ou ouça o primeiro trecho do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 0'00" e 0'37".

Pare a leitura e pergunte aos alunos:

Pelo início do diálogo das personagens, como a conversa continuaria?

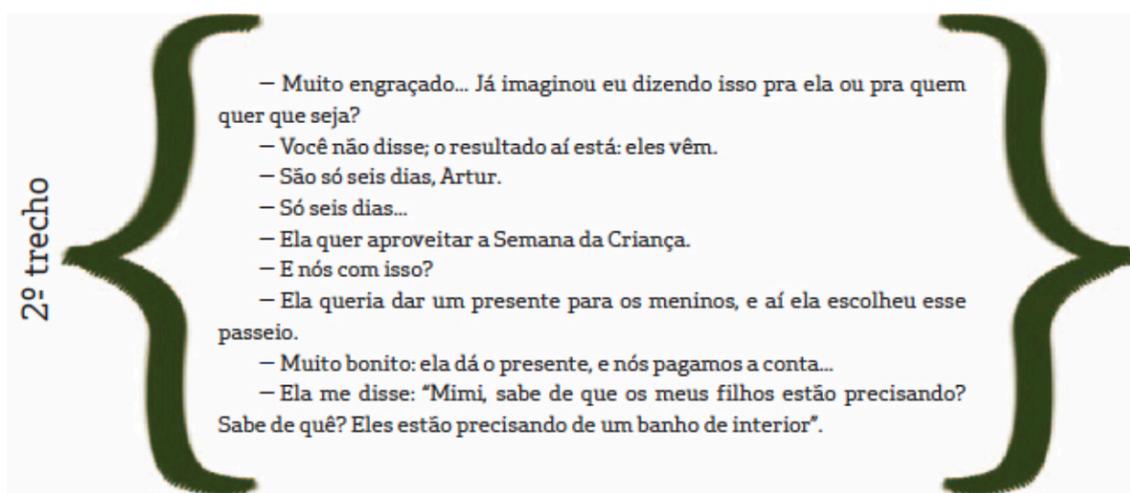


## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Dá para imaginar como são as personagens?

Ouçã com atenção as antecipações dos alunos. Verifique se alguma previsão se aproximou do texto do autor. Valorize as respostas plausíveis que evidenciem que o ouvinte-leitor está acompanhando a trama.

Retome a leitura ou a audição. Na sequência o **segundo trecho** do texto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 0'37" e 1'03".



2º trecho

- Muito engraçado... Já imaginou eu dizendo isso pra ela ou pra quem quer que seja?
- Você não disse, o resultado aí está: eles vêm.
- São só seis dias, Artur.
- Só seis dias...
- Ela quer aproveitar a Semana da Criança.
- E nós com isso?
- Ela queria dar um presente para os meninos, e aí ela escolheu esse passeio.
- Muito bonito: ela dá o presente, e nós pagamos a conta...
- Ela me disse: “Mimi, sabe de que os meus filhos estão precisando? Sabe de quê? Eles estão precisando de um banho de interior”.

Outra parada na leitura e novas perguntas:

Quem são Mimi e Artur?

Como o autor caracteriza essas personagens?

Em que cenário se dá esse diálogo?

Qual é o passeio que os meninos tanto precisam?

Quem se arrisca a dizer?

Registre as projeções a respeito do que pode vir a acontecer. Pergunte aos alunos que caminho foi feito para levantar as hipóteses. Confira a compatibilidade das previsões e dê oportunidade para reformulação das previsões apresentadas.

Continue a leitura ou a audição do texto, destacando o **terceiro trecho** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 1'03" e 2'14".

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

3º trecho

- Se depender de mim, eles vão ter é um banho de sangue.
- "Você acredita, Mimi, você acredita que até hoje alguns dos meus meninos nunca viram uma galinha de verdade?"
- Por que eles não vão a uma granja? Perto de São Paulo existem dezenas.
- Ah, Artur; você sabe que não é isso.
- Então é o quê?
- Você sabe que... É como a Dininha disse: "Uma galinha passando na rua, os pintinhos atrás..."
- Galinha passando na rua...
- "A galinha ciscando..."
- Essa sua amiga é maluca...
- São essas coisas, entende? São essas coisas que ela quer...
- É maluca sua amiga.
- Não, maluca ela não é, não.
- Começa pelos filhos. Ou melhor: por ter filhos, já que ter filhos é um ato de insanidade mental.
- Ter filhos é um ato de amor, Artur.
- Os ratos que o digam.
- Ter filhos...
- Já começa por aí, por ter filhos; agora, ter sete, sete filhos: isso é a própria loucura.
- Por quê?
- Porque é.
- Eu não acho.
- E os nomes? Os nomes dos moleques...
- O que é que tem os nomes?
- Repete aí pra mim...
- Pra quê?
- Repete...
- Dagoberto, Delmiro, Dilermando, Donato, Durango, Dorval e Durval.
- Santa Maria...
- Os dois últimos são gêmeos.
- Bem feito. Deus castiga.
- Eu tenho muito dó da Dininha; muito. Já pensou, ser abandonada nova ainda, com sete filhos pequenos?...

Mais uma pausa para perguntas:

Neste conto, o que chama a atenção do leitor?

Por que Artur está tenso?

Como é o tom do diálogo entre Mimi e Artur?

O casal está brigando?

Qual o motivo de Mimi sentir dó da Dininha?

Será o número de filhos, os nomes estranhos dos moleques?



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

À medida que a leitura avança, antes de fazer a suposição, é fundamental retomar as informações contidas no texto para que se possa, neste caso, desvendar o dó que Mimi tem de Dininha.

Depois de acolher e organizar as ideias apresentadas pelos alunos, o professor pode chamar a atenção para a simplicidade, precisão, ironia e humor presentes no diálogo do escritor, antes de prosseguir a leitura ou a audição do que chamamos **quarto trecho** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 2'14" e 3'10".

4º trecho



- Eu imagino o cara: um dia ele olhou ao redor, viu aquele bando de meninos e aí pensou: “Meu Deus, o que é que eu fiz?...”. Pegou então a maleta, saiu de fininho e caiu no mato.
- Além do mais, a Dininha foi minha amiga de infância, minha melhor amiga. É um jeito de eu agora ajudá-la; de nós dois a ajudarmos.
- Ajudar...
- O que é hospedar por alguns dias uma família?
- Isso não é uma família, é uma horda.
- Nossa casa é grande; nós temos recursos, felizmente...
- O problema não é esse, Mimi; o problema nem é a nossa paz, que eles vão perturbar.
- Então qual é o problema?
- O problema é que eles vão acabar com tudo!
- Acabar com tudo como?...
- Acabar com tudo, tudo o que tem aqui: acabar com os quadros, com as esculturas, os tapetes, as orquídeas, os bichos; eles vão acabar com tudo!
- Como você pode dizer isso, se você nem conhece os meninos, Artur?
- É preciso?
- Você nem sabe como eles são.
- É uma equação, Mimi; uma equação matemática.
- Equação...

Mais uma pausa e outras provocações:

O que tanto preocupa Artur?

Por que Artur usa o substantivo “horda” quando se refere à família de Dininha?

Será que a equação está relacionada com a guarda dos valiosos bens do casal?

Que pistas o conto oferece para você descobrir qual é a equação?

Confira se as antecipações apresentadas são compatíveis com o sentido, a progressão do texto, e se os estudantes buscam outros textos para justificar as previsões.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

É comum a dispersão da turma em algumas situações de leitura, como em trechos longos, complexos, polêmicos. Se isso ocorrer, retome a leitura prestando atenção aos modos de ler: entonação, velocidade, expressividade, evitando tom único, monótono.

Lembrete: o foco do trabalho é a leitura; portanto, explore bem a compreensão leitora, evitando usar essa atividade como pretexto para uma proposta de escrita.

Dê continuidade à leitura ou à audição, agora do nosso **quinto trecho** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 3'10" e 3'56".

5º trecho

– Pensa bem: sete meninos, sete meninos de três a onze anos, sete meninos engaiolados num apartamento no centro de São Paulo: de repente esses meninos são soltos, levados para o interior e despejados numa casa ampla, com jardins, quintal, bichos... O que vai acontecer?

– Não vai acontecer nada.

– Não, não vai não...

– Não vai acontecer nada.

– Eles só vão acabar com tudo.

– Imaginação sua, Artur.

– Imaginação...

– Você que está imaginando isso.

– Os quadros e as esculturas, eu ainda podia levar para um banco, podia fazer isso. Mas e as orquídeas? E os bichos? Como que a gente vai tirá-los daqui? Onde que a gente vai pôr? E quem iria cuidar deles?

– Pense um pouco, Artur...

– Pensar o quê?

– Pense no que seria essa viagem para os meninos...

– Por que eu vou pensar nisso?

– Você também já foi menino...

Outra parada e mais perguntas:

Dá para imaginar o Artur menino?

Onde vivia?

O que fazia?

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Como o texto se aproxima do final, aproveite as inferências apresentadas para rememorar os diálogos curiosos, buscar indícios que apontem como o autor vai encerrar o conto. Desafie o grupo a prever como terminará o diálogo do casal Artur e Mimi, não esquecendo que o título do texto é **Catástrofe**.

Recupere com os alunos o conteúdo dos diálogos. Peça-lhes que observem se travam embates, se mostram a realidade, o cotidiano do convívio humano. Em seguida, pergunte quais deles têm mais chance de se aproximar do que foi escrito pelo autor.

Leia ou ouça o **trecho final** do conto. No vídeo “Catástrofe”, entre os períodos 3'56" e 4'55".

6º trecho

- Já, já fui, e dou graças por não ter sido menino de capital e por nunca ter morado em apartamento; e, se mais alguma coisa preciso acrescentar, por ter visto galinhas desde pequeno.
- Você também já foi filho...
- Fui, embora não exatamente por minha vontade. Mas, de qualquer forma, posso dizer que ter sido filho foi, pela mãe que eu tive, a melhor coisa de minha vida.
- Então? A Dininha também está querendo ser uma boa mãe para os filhos dela.
- Filhos...
- O quê?
- Para que filhos?...
- Para quê?...
- Será que não vão um dia parar com essa bobagem?
- Se parar, a humanidade acaba.
- Alguma objeção?
- Se não fossem os filhos, uma hora dessas nós dois não estaríamos aqui.
- Nem estaria essa debiloide nos ameaçando com essas sete pragas, com essa catástrofe.
- Bom: nós já falamos muito.
- Já.
- Vamos encerrar?
- Vamos.
- Eu não vou fazer nada.
- Não.
- Eles vêm.
- É.
- Eu até já vou comprar uma lata de biscoitos.
- E eu uma caixa de balas.
- Balas? Você?...
- Balas de revólver, my dear.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### ■ Ponto, quase final, da leitura

A leitura não se esgota, continua na voz dos estudantes: O que mais chamou a atenção e surpreendeu você na leitura do conto? Concordam ou discordam da posição do autor? Gostaram do desenrolar da trama? Tudo o que devia ser dito no diálogo foi dito? O que têm a dizer sobre o desfecho?

Impressões, críticas, informações, tomada de posição, avaliação da narrativa lida e da estratégia utilizada são bem-vindas.

### Fonte:

Artigo publicado originalmente na Revista Na Ponta do Lápis (ano IX – número 22, agosto de 2013) – As práticas de leitura e escrita em nosso tempo. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/revista-digital/edicao/16/as-praticas-de-leitura-e-escrita-em-nosso-tempo>.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

### ANEXO V

Aqui você encontra o artigo indicado na 3ª etapa: **Leitura da primeira crônica - Explorando a ironia**, da sequência didática **A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas**.

#### **Diário de leituras: caminhos de mediação do texto literário no cotidiano escolar**

Maria Coelho Araripe de P. Gomes

*Espaço intermediário entre o eu do leitor e o não-eu do texto, entre o sujeito que lê e outro que escreve, entre o imaginário das representações e a realidade da linguagem, a leitura é esse lugar intermediário onde se persegue a construção jamais acabada de nossa identidade. A confrontação do leitor consigo mesmo é, portanto, uma das dimensões maiores da leitura. A questão é saber como introduzi-la no ensino. (JOUVE, 2012, P.61)*

#### **Iniciando o caminho: um pouco de contexto, alguns princípios e a proposta**

“Como fazer emergir o sujeito leitor no sujeito escolar” (ROUXEL, 2012, p.274) é talvez uma das perguntas que mais tem me provocado enquanto professora de língua e literatura do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ao longo de minha prática docente, com um olhar especialmente interessado na leitura literária em contexto escolar, fui notando que, sistematicamente, à medida que chegávamos aos anos finais do EF II e, principalmente, no EM, a relação entre conhecimento e experiência (Larrosa, 2002) bem como a subjetividade das(os) estudantes tinham seu espaço reduzido, sobrepondo-se a eles relações mais distanciadas com o saber, como se o “real” conhecimento científico fosse neutro e descarnado dos sujeitos que o produzem.

Isso gerava um impacto considerável na relação das(os) estudantes com os textos literários uma vez que o excesso de conteúdos, por vezes, não permitia tempo para a leitura de textos integrais ou textos mais longos, por meio de práticas mediadoras coletivas, por exemplo. Além disso, a busca por uma “verdade” sobre o texto, que supostamente se apresentava fora da relação texto-leitora(or), dificultava aquilo que a pesquisadora francesa Annie Rouxel (2012) chama de “leitura implicada” ou o que a espanhola Teresa Colomer (2007) denomina “atitude interpretativa” diante dos textos literários. Ou seja, noções que afirmam a existência de sujeitos-leitoras(es) e evidenciam que os sentidos dos textos são elaborados não a priori, mas em um movimento inventivo e dinâmico entre leitoras(es) – textos – mundo.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

A partir destas inquietações, comecei a me fazer algumas perguntas: O que se ensina quando se ensina literatura? O que se entende por literatura no contexto escolar? Como se pode ensiná-la sem transformá-la em um objeto inalcançável ou um espaço exclusivamente de fruição ou ainda em um texto a serviço da compreensão de estruturas linguísticas com fins unicamente comunicativos? Que metodologias favorecem as especificidades e os sentidos do texto literário?

Assim, nesta busca pelos modos de fazer, fui propondo às(aos) estudantes práticas de escritas subjetivas, ou seja, exercícios de escrita em primeira pessoa, relacionados à experiência de leitura que nós realizaríamos naquele momento. A escolha por essa abordagem tinha como objetivo promover tempo e espaço para a concretização de um ensino de literatura baseado em alguns princípios:

- Literatura como experiência estética (ZILBERMAN, 2009);
- Subjetividade leitora como parte formadora da leitura literária (ROUXEL, 2012);
- Centralidade pedagógica da relação texto-leitor-mediação (COLOMER, 2007, SOUZA, 2016);
- Escrita como prática contextualizada e produtora de conhecimento (FRUGONI, 2017);
- Sala de aula como espaço de conversa literária (BAJOUR, 2012);
- Direito à literatura enquanto um direito humano à imaginação (CANDIDO, 1970).

Comecei então o projeto de ensino com as escritas subjetivas em 2017, em turmas de 9º ano do EF e 1º ano do EM, pedindo inicialmente a produção escrita de uma autobiografia de leitoras(es) e, em seguida, introduzi o diário de leituras como uma ferramenta de escrita que nos acompanharia ao longo dos trimestres. Não foi uma tarefa fácil e tampouco gerou adesão imediata das(os) estudantes, acostumadas(os) a outros paradigmas de leitura e produção escrita escolar. Contudo, o hábito, aliado a outras práticas de mediação foram, aos poucos, elaborando novas relações das leitoras(es) com os textos lidos e produzidos. Desde então, venho mantendo esta prática, adaptando-a aos diferentes contextos, séries, leituras e turmas. Este projeto de ensino tornou-se minha pesquisa de doutorado e, portanto, é a partir deste lugar de experiência-teoria-reflexão que compartilho com vocês alguns caminhos possíveis de trabalho com os diários de leituras.

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas



### O que é um diário de leituras?

O diário de leituras é, como o próprio nome diz, um espaço de escrita regular e processual, isto é, demanda certa rotina de escrita. É uma ferramenta de registro pessoal que se relaciona com as experiências de leitura das(os) estudantes, sejam elas leituras obrigatórias oferecidas pela escola ou eleitas pelas(os) próprias(os) alunas(os), a depender da proposta.

Nas palavras de Anna Raquel Machado, “O diário de leituras é um texto no qual o leitor vai registrando, à medida que lê, da forma mais livre possível, sua compreensão, suas impressões pessoais, sentimentos, seus problemas de compreensão diante do texto que está lendo, as relações que vai estabelecendo entre os conteúdos do texto e seus conhecimentos e experiências pessoais, suas concordâncias e discordâncias. (MACHADO, 1998, p. 26). Gosto de dizer, portanto, que o diário é uma espécie de testemunho da experiência leitora das(os) estudantes. Um testemunho partilhado com a professora(or) que, ao ler os diários consegue acompanhar o processo de recepção da obra, com todas as suas nuances e buscas de construção de sentidos.

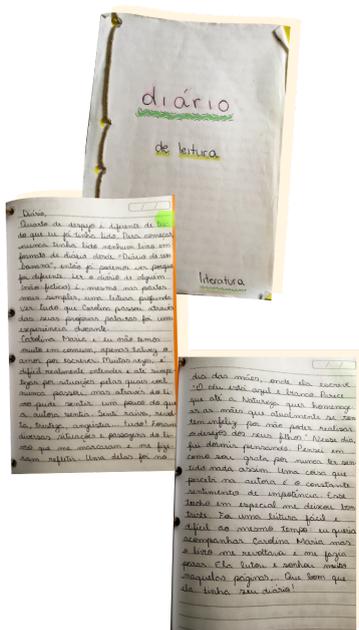
Importante salientar, antes de passarmos aos detalhes da proposta, que esta liberdade da qual trata Machado está circunscrita ao contexto pedagógico. Isto significa que o que denominamos escrita pessoal não é fruto do desejo espontâneo de cada estudante, mas demanda contornos e critérios, inclusive para que elas(es) possam se sentir seguras(os) em expressar suas leituras subjetivas, reflexões e questionamentos. No entanto, esta delimitação pode ser feita implicando as(os) estudantes ao longo de todo o processo, construindo acordos coletivos para cada etapa de execução, respeitando as especificidades e grau de autonomia de cada grupo/série.

### Caminhos de realização, acompanhamento e avaliação

Após a produção e conversa a respeito das memórias leitoras de cada uma(um) - por meio das autobiografias mencionadas anteriormente -, eu apresentava o diário de leituras enquanto gênero textual. Através da leitura de alguns fragmentos de diários ficcionais – e, com o tempo, através de exemplos de diários das(os) estudantes de anos anteriores – íamos identificando suas possíveis funções, modos de fazer, compreendendo que se tratava de um espaço regular e pessoal de escrita relacionado à experiência com a leitura literária.



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas



Em seguida, explicava a proposta, construindo de maneira colaborativa os prazos, observações sobre o processo de escrita, além dos critérios de avaliação. Em geral, a proposta era a seguinte: a partir da leitura da obra selecionada para aquele determinado trimestre ou bimestre, as(os) estudantes deveriam, de maneira processual, registrar em seus diários de leituras as suas impressões, sentimentos, reflexões e questionamentos sobre a experiência de leitura. Os textos seriam produzidos necessariamente em 1ª pessoa e os dois principais critérios de avaliação seriam: o grau de engajamento pessoal na escrita e produzir, ao menos, 1(um) registro escrito por semana, enquanto durasse a leitura de nosso livro (em geral durava entre 1 mês e meio a 2 meses). Para incentivá-las(os) na elaboração deste espaço próprio, sugeria que elas(es) mesmas(os)

confeccionassem seus diários. Assim, tínhamos uma variedade de formatos de diários que dialogavam com a singularidade de suas(seus) leitoras(es).

Importante mencionar que neste instrumento avaliativo, o foco não era a correção ortográfica ou morfosintática, mas sim, avaliar se ela(e) estava acompanhando a leitura, seus caminhos interpretativos, sua capacidade de fazer associações entre o que conversávamos em sala e suas próprias reflexões, diálogos intertextuais, etc. No entanto, esta foi uma escolha contextual e sempre pode ser modificada. O mais relevante, eu diria, é criar com cada aluna(o) um espaço dialógico de avaliação. No meu caso, eu recolhia os diários a cada quinze dias e com a ajuda de post-its ou pequenas cartinhas ia dialogando com seus registros, às vezes confirmando, outras questionando, sugerindo aprofundamento ou agregando elementos à interpretação.

### O que cabe em um diário de leituras?

**Resumos, citações, paráfrases e outros textos “suporte”:** apesar de serem textos mais “técnicos” ou de cunho mais acadêmico, é muito comum que as(os) estudantes comecem por estes textos mais estruturantes a fim de alcançar o nível da compreensão da história.

**Expressão de sentimentos, comentários, marcas de identificação:** a manifestação de uma escrita mais autoral e subjetiva muitas vezes começa na expressão de algum sentimento diante de um acontecimento ou de um personagem do livro. Também pode vir em forma de um breve comentário ou até mesmo pela necessidade de buscar um ponto de identificação na história, em geral algum personagem.

## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas



**Diálogos internos e externos:** é bastante comum que as(os) alunas(os) explorem o jogo dialógico ficcional estabelecido no “meu querido diário”. Quanto mais elas(es) assumem esta conversa, inclusive, mais profundos costumam ser os sentidos construídos. Além disso, é comum surgir alguma referência a algo que a(o) professora(or) ou alguma(um) colega disse em sala de aula, e isto também é uma associação bastante interessante.

**Imagens, desenhos, ilustrações:** A depender da idade ou série, a relação com as imagens pode ser mais ou menos explorada. Contudo, o trabalho com as imagens elabora sínteses que podem ser relevantes para alcançar camadas mais profundas de sentido do texto.

### Algumas pistas adicionais para solidificar o caminho com o diário de leituras

**O trabalho com os diários deve estar associado a outras metodologias de leitura:** Isto significa que não adianta propor para a turma uma ferramenta de escrita processual se a leitura em si não for realizada também de modo processual e coletivo. Experimente definir as partes do livro que serão lidas em sala e as que serão lidas individualmente, os modos de leitura, etc.

**Esteja aberta(o) para as desconfiças iniciais das(os) estudantes em relação à proposta:** “Professora(or), pode mesmo escrever em 1ª pessoa?



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

Professora(or), e se eu escrever errado? Professora(or), pode dizer que não gostei do livro?”. Essas e outras perguntas são bastante comuns na medida em que elas(es) estão sendo convocadas(os) a outros paradigmas de escrita e avaliação. Esteja sempre em diálogo e inclua as(os) alunas(os) em todas as etapas possíveis do projeto.

**Adeque as atividades às faixas etárias e ao grau de complexidade da leitura:** O ponto de vista adotado por mim foi a partir de experiências com 9º do EF II e 1º ano do EM. Contudo, já acompanhei outras experiências com estudantes mais novas(os) e as adaptações se davam principalmente na periodicidade do acompanhamento dos diários, nos tipos de registros solicitados e no conteúdo dos post-its e cartinhas. O mais importante é termos sensibilidade para realizar os ajustes que aquele grupo necessita, associados, claro, com as possibilidades de trabalho docente.

\*\*\*

Com Paulo Freire, aprendemos que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos (FREIRE, 1996), e, portanto, uma das principais funções da escola não seria adaptar a(o) estudante à realidade, mas possibilitar o exercício de ser uma “presença consciente no mundo” (Idem, p. 77). Assim, quando o tempo e o espaço escolares estão configurados de modo a dar centralidade à experiência singular e coletiva de leitura de textos literários, por meio de práticas de leitura, escrita, fala e escuta, torna-se possível elaborar a palavra que não pretende ser a verdade, mas sim, fundamentalmente, uma bússola para seguirmos na busca sem fim pelos sentidos do texto e da vida.

## Referências

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: \_\_\_\_\_. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRUGONI, Sergio. Imaginación y escritura. La enseñanza de la escritura en la escuela. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Hacedor, 2017.

JOUBE, Vincent. “A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógica das leituras subjetivas”. Tradução: Neide Luzia Rezende. In: ROUXEL, Annie;



## A escrita negra de Machado de Assis em seus contos e crônicas

LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Org.). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2012.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

MACHADO, Anna Rachel. O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, Raquel Cristina Souza e. “O diário de leitura no Ensino Fundamental: considerações iniciais.” In: Revista Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura Programa de Pós-Graduação em Literatura, vol. 25, n. 42. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2016.

ROUXEL, Annie; REZENDE, Neide Luzia de; LANGLADE, Gérald (org.) Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2012.

ZILBERMAN, Regina. “Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?” Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, vol. 5, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2009.

### Sobre a autora:

**Maria Coelho Araripe de P. Gomes** é professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora no Programa de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), mestra em Literatura Brasileira pela UFRJ e especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do grupo interinstitucional de pesquisa Literatura e Educação Literária.